



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ângela Marisa Cardoso Fernandes

**Abuso sexual online:
Comportamentos de Risco,
Significações e Gestão do risco**

Ângela Marisa Cardoso Fernandes **Abuso sexual online: Comportamentos de Risco, Significações e Gestão do risco**

UMinho | 2011

Outubro de 2011



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ângela Marisa Cardoso Fernandes

**Abuso sexual online:
Comportamentos de Risco,
Significações e Gestão do risco**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Paula Cristina Marques Martins
e co-orientação da
Professora Doutora Carla Machado

Outubro de 2011

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que já partiram e deixaram a sua marca na minha vida, em especial à professora Carla Machado, pela forma como me fez olhar para a vida e pela oportunidade única que me proporcionou ao integrar-me para trabalhar neste tema.

Aos meus pais Conceição e Alexandre, ao meu irmão Ismael, pela paciência demonstrada nos momentos em que ela mais teima em fugir.

Ao meu namorado André, por me ter acompanhado ao longo de todo o meu percurso académico e ter estado comigo nos bons e maus momentos, sempre disposto e presente.

Às minhas amigas, por terem entendido a minha ausência e o meu alheamento, aquando da execução deste trabalho. A todas, Celine, Sandra e Márcia a minha afeição.

A uma amiga que me resguardou quando quase caía no precipício. A ti, Sofia, o meu muito obrigado pela tua oportuna ajuda.

Não posso deixar de prestar o meu enorme agradecimento à professora Paula Cristina Martins, por me ter acolhido numa altura atribulada e ter conseguido juntar os meus pedacinhos, tornando-me uma uma vez mais e dando-me sentido e força para continuar.

A todos aqueles que comigo partilharam as suas experiências, sem vocês este trabalho não era possível.

À Direção da Escola que participou neste projeto, pela pronta e disposta ajuda.

Ao professor Vítor, por me encaminhar com toda a celeridade e empenho e me orientar nos meandros do ensino.

ABUSO SEXUAL *ONLINE*:
COMPORTAMENTOS DE RISCO, SIGNIFICAÇÕES E GESTÃO DO RISCO

RESUMO

Este estudo, de carácter exploratório, visa compreender os riscos encontrados aquando da navegação na internet pelos mais jovens, especialmente os riscos relacionados com o abuso sexual. Pretende-se caracterizar discursos e práticas, bem como tentar revelar as significações atribuídas e as estratégias de gestão do risco adotadas. Para o efeito, constituiu-se uma amostra de 19 participantes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos (média de idades 14,8 anos, d.p. 0.98) que utilizavam a internet. Responderam a uma entrevista cujo foco eram os comportamentos de risco relacionados com o abuso sexual que nos permitissem aceder a episódios de risco vivenciados por estes participantes nos seus contactos na internet. Os resultados obtidos revelam que o comportamento de risco predominante consiste em contactar com pessoas desconhecidas *online*, seguido pelo acesso a conteúdos sexuais. Embora todos os participantes se tenham envolvido pelo menos num comportamento de risco, este não é percebido como tal pelos mesmos, pelo que é negligenciado, o que impede a mobilização de estratégias adequadas de gestão do risco envolvido. Novas direções para futuras investigações são apontadas.

Palavras-Chave: Internet, Abuso Sexual, Comportamentos de Risco

ONLINE SEXUAL ABUSE:
RISK BEHAVIORS, MEANINGS AND RISK MANAGEMENT

ABSTRACT

This study, of exploratory character, aims to understand the risks encountered when browsing the Internet by young people, especially those associated with sexual abuse. It is intended to characterize discourses and practices and to reveal the meanings assigned to this activity and risk management strategies put in place. For this purpose, a sample was obtained of 19 participants of both sexes internet users, ages between 13 and 16 years, (average 14,8 years, d.p. 0.98) which answered to an interview focused on risk behaviors related to sexual abuse in the internet. The results show that the most common risk behavior is to contact with strangers *online*, followed by accessing to sexual contents. All participants had been involved at least in one risk behavior, but risk involvement is not perceived as such by them. Being so the risk is neglected and there is no proper management of risk. New directions for future research are outlined.

Keywords: Internet, Sexual Abuse, Risk Behavior

ÍNDICE

Introdução	6
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
O mundo Virtual - Aspetos a considerar	7
O uso da internet	7
Tipologias de Risco Online	8
Prevalência de Riscos Online	10
Enquadramento Legal do Abuso Sexual de Crianças	11
Os predadores online e as suas vítimas	11
A adolescência e os riscos sexuais Online	13
O uso das redes sociais na adolescência	14
Acesso a Conteúdos Sexuais pelos adolescentes	15
A adolescência e os contactos com desconhecidos na internet	16
O conhecimento dos pais e a mediação parental	17
Formas de mediação parental	17
O Impacto da Mediação Parental	18
ESTUDO EMPÍRICO	19
Hipótese e Perguntas de Investigação	19
Técnicas e Instrumentos	20
Participantes e Procedimento	21
Análise de dados – Análise de Conteúdo Categorical	22
Temas, categorias e sub-categorias	23
Apresentação e Discussão dos Resultados	29
Conclusão	40
Bibliografia	42
ANEXOS	44

Introdução

O presente trabalho assenta num estudo qualitativo, desenvolvido no âmbito do uso da internet por adolescentes, enfatizando os comportamentos de risco que potenciem ou levem ao abuso sexual Online.

Sendo esta uma área emergente no que concerne ao panorama nacional, e tendo em conta a relevância da temática e os vários caminhos que urgem ser estudados (Ponte, Vieira, 2007), tentamos abordar o tema de forma a dar voz às significações que os jovens atribuem ao seu próprio comportamento. Apesar de ser um tema ainda pouco estudado, vislumbram-se em Portugal trabalhos sobre o mesmo, que documentam os riscos e a sua prevalência (Neves, 2008).

Portugal integra o projeto Europeu *EU KIDS ONLINE*, que envolve 27 países. Este projeto; procura, através de questionários em vários países, perceber as experiências das crianças ao usar a internet, focando-se no uso, nas atividades, riscos e segurança. Indaga também a experiência dos pais, as práticas e preocupações no que diz respeito ao risco e segurança dos seus filhos.

Embora estatisticamente o fenómeno esteja relativamente estudado, este carece de uma investigação mais qualitativa que procure perceber como é que a internet pode ser usada como espaço propício à ocorrência de interações de cariz sexual, com potencial abusivo para os utilizadores menores de idade, e com os riscos de abuso aí inerentes.

Procurámos então:

1. Caracterizar os tipos de uso e frequência do uso dos inquiridos com internet;
2. Relacionar a utilização dos perfis sociais na internet com a exposição potencial a riscos de cariz sexual;
3. Caracterizar o acesso dos inquiridos a conteúdos de carácter sexual;
4. Identificar possíveis contactos *online* com pessoas desconhecidas e contactos presenciais eventualmente daí decorrentes;
5. Identificar possíveis contactos *online* com pessoas conhecidas *off-line*.
6. Caracterizar o papel dos pares nestas interações;
7. Caracterizar o papel mediador dos pais nestas interações.

Sendo assim, levou-se a cabo uma pesquisa sustentada numa amostra de 19 entrevistas individuais a adolescentes, rapazes e raparigas, conseguida com um guião elaborado para o efeito e mais à frente explorado. Houve o interesse de incluir entrevistas mistas de forma a perceber a adoção de comportamentos por parte de cada sexo e a própria relação que estabelecem com a internet, sendo que a investigação mostra diferenças de sexo no envolvimento em situações de risco (Staksrud e Livingstone, 2009).

A revisão teórica está estruturada em cinco capítulos; iremos inicialmente falar sobre o mundo virtual, contextualizar a frequência do uso, tipologias de risco, bem como a prevalência dos riscos *Online*. De seguida iremos fazer o enquadramento legal do Abuso Sexual de Crianças, seguido de um capítulo sobre os predadores *online* e as suas vítimas, onde explanaremos como agem os potenciais ofensores na internet. Posteriormente analisaremos a fase da adolescência e as relações que esta mantém com o risco de abuso sexual, onde abordaremos a temática das redes sociais, o acesso a conteúdos sexuais pelos adolescentes, bem como contactos com desconhecidos pela internet. Por fim analisaremos o conhecimento dos pais e a mediação parental exercida, explicando formas de mediação parental e o impacto desta.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O mundo Virtual - Aspetos a considerar

O uso da internet

Estudos do Eurobarómetro de 2005 e 2008, realizados pelo programa *Safer Internet* revelam que o uso da internet pelas crianças continua a aumentar (Hasebrink, Livingstone, Haddon, & Ólafsson, 2009). Em 2005, 70% das crianças entre os 6 e os 17 anos na Europa dos 25 usavam a internet. Em 2008, esta percentagem subiu cerca de 75%, apesar de o uso entre os adolescentes ter crescido pouco ou até mesmo nada, pois o maior aumento verificou-se nas crianças mais novas. Em 2008, cerca de 60% das crianças entre os 6 e os 10 anos utilizava a internet. Deve-se realçar, no entanto, que a maior parte da pesquisa disponível tem como foco os adolescentes e não as crianças mais novas (Hasebrink et al., 2009).

Dados de 2011, do último relatório apresentado pelo projecto *EU KIDS ONLINE*¹, refere que o uso da internet está totalmente integrado na vida quotidiana das crianças, sendo que 93% dos utilizadores dos 9 aos 16 anos acedem pelo menos uma vez por mês e 60% usam todos os dias ou quase todos os dias.

As crianças iniciam-se no uso da internet cada vez mais novas. Em todos os países, um terço das crianças com 9 ou 10 anos fazem-no diariamente, o que aumenta para os 80% entre os jovens com 15 ou 16 anos (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, 2011). Em Portugal 78% das crianças portuguesas entre os 9 e 16 anos usam a internet, e declaram já

¹ Relatório acessível em: <http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>

ter sentido bastantes vezes que estavam a fazer um uso excessivo da mesma (49%), muito acima da média europeia (30%) (Livingstone *et al.*, 2011).

Segundo o relatório de 2011, da *EU KIDS ONLINE*, a internet é mais usada em casa (87%), seguindo-se a escola (63%). Contudo o acesso à internet está a diversificar-se – 49% usam-na no seu quarto e 33% através de um telemóvel ou outro dispositivo móvel. As crianças e jovens portugueses estão entre as crianças europeias que acedem mais à internet no seus quartos (67%) do que noutros lugares da casa (26%), (Livingstone *et al.*, 2011).

Também se constata neste relatório a variedade de actividades *online* que existem: usam a internet para o trabalho escolar (85%); jogam (83%); veêm *clips* de vídeo (76%); e trocam mensagens instantâneas (62%). São menos as que publicam mensagens (31%), as que usam uma *webcam* (31%), sites de partilha de ficheiros (16%) ou blogues (11%) (Livingstone *et al.*, 2011). Embora as crianças continuem a “liderar” quanto à quantidade do uso da internet, uma outra grande mudança deu-se entre 2005 e 2008, em que o número de pais e o número de filhos que usam agora a internet se aproximou, invertendo a anterior tendência em que o uso dos adolescentes ultrapassava o dos pais. Em 2008 eram 85% dos pais de crianças entre os 6 e os 17 anos que já tinham utilizado a internet, um aumento significativo face a 2005, quando apenas 66% dos pais já tinha navegado na internet (Hasebrink *et al.*, 2009).

Tipologias de Risco Online

Definimos risco como a possibilidade de as ações ou eventos humanos levarem a consequências que prejudicam aspetos que os seres humanos valorizam (Klinke & Renn, 2002, cit in Staksrud e Livingstone, 2009).

Deve-se distinguir entre medição do risco (*risk assesment*) (calcula da probabilidade de um risco e a sua magnitude), avaliação do risco (*risk evaluation*) (determinação da aceitação de um determinado risco) e gestão do risco (*risk management*) (processo pelo qual se reduz o risco a um nível tolerado pelo indivíduo ou sociedade (Klinke & Renn, 2002, cit in Staksrud e Livingstone, 2009). .

Neves (2008), procedeu a uma breve caracterização das situações arriscadas na rede, agregando-as em três grandes chavões: *Cyberbullying/Assédio*, *Pishing* e *Abuso*.

O *Cyberbullying* (o uso e difusão de uma informação para fins difamatórios, em formato electrónico, através de meios de comunicação como e-mail, SMS, MSN ou Rede Sociais (Facebook, HI5, etc), em plataformas eletrónicas, de difusão de conteúdos, onde um

indivíduo ou grupo pretendem, de forma deliberada e repetida, causar mal estar a outro.)², assim como o assédio persistente configuram a transposição para a rede de um fenómeno há muito difundido *off-line*. A tecnologia agora disponível favorece cada vez mais os seus efeitos nefastos. A motivação que desencadeia os comportamentos em análise é a agressão em sentido lato.

O *pishing*, que se traduz no roubo de dados pessoais financeiros, como o número do cartão de crédito, o código do cartão de débito, ou elementos pessoais de acesso a contas bancárias por exemplo, pode envolver os mais novos na qualidade de participantes que são contactados por terceiros, com fins comerciais (Willard, 2007).

O *abuso*, sendo esta uma designação genérica, engloba várias questões de risco *online* a nível sexual como o *grooming* (processo de “sedução”, explanado mais à frente), os predadores *online*, o acesso a material pornográfico, conteúdos ilegais e/ou ilícitos a menores. Neste âmbito os adolescentes tanto podem integrar o perfil de vítimas como de agressores. A sexualidade é a motivação base destes comportamentos de risco e a criança tanto pode ser recetora de conteúdos que encontre no âmbito da sua navegação pela *internet* como pode ser produtora/difusora dos mesmos.

Nesta classificação distingue-se a existência de: conteúdos de risco (nos quais a criança é tida como receptora), contactos de risco (dentro dos quais a criança participa, ainda que de forma não intencional) e condutas de risco (nos quais a criança é tida como agente/vítima de tais comportamentos). Cada situação é analisada nestas três valências (Conteúdos, Contactos e Conduta de risco).

Neste trabalho, e tendo em vista os objectivos propostos, abordaremos em particular os riscos relacionados com o chavão do termo *Abuso*, explanado acima (Neves, 2008). Sendo os riscos mais comuns deste chavão: dar informações pessoais, descobrir pornografia *online*, receber comentários sexuais indesejados ou ter conversas sobre sexo *online* (*‘sexting’*); contactos *online* com desconhecidos e encontros reais (*off-line*) com um contacto conhecido *online*, como sendo o risco menos frequente, embora provavelmente o mais perigoso.

Definimos o risco de abuso sexual *online* pela existência de conversas íntimas, troca de materiais de cariz sexual, conversas sexualizadas ou o fornecimento/solicitação de informações sexuais com alguém conhecido exclusivamente *online* (Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2010)

² Para melhor compreensão do fenómeno em causa ler: Almeida, A. (2008). A vitimização entre Pares em Contexto Escolar. In C. Machado, & R. Abrunhosa, *Violência e Vítimas de Crimes: Crianças* (pp. 163-186). Coimbra: Quarteto.

Prevalência de Riscos Online

Hasebrink *et al.* (2009) referem que em toda a Europa, e apesar da considerável variação entre países, os resultados disponíveis sugerem que, para os adolescentes utilizadores da internet, a ordenação dos riscos experimentados é bastante semelhante. Os dados apontam que cerca de 15 a 20% dos adolescentes utilizadores da internet já vivenciaram um certo grau de incómodo ou desconforto ou foram ameaçados *online*.

No relatório de 2011, a nível europeu, da *EU KIDS ONLINE*, investigaram alguns riscos fundamentais online: pornografia, *bullying*, recepção de mensagens de cariz sexual ('*sexting*'), contacto com pessoas desconhecidas, encontros com pessoas que se conheceu pela internet, conteúdos potencialmente nocivos criados por utilizadores e abuso de dados pessoais. Neste estudo surgiram dados que indiciam que o risco não resulta necessariamente em dano, como reportaram as crianças (Livingstone *et al.*, 2011).

Neste questionário as crianças foram inquiridas sobre se tinham encontrado um leque de riscos *online* e se tinham ficado incomodadas, se se sentiram desconfortáveis ou perturbadas. Os resultados variaram com a idade e sexo da criança e por país, devendo as generalizações ser levadas com cautela. Contudo 12% das crianças europeias dos 9 aos 16 anos dizem que já se sentiram incomodadas ou perturbadas por alguma coisa na internet, sendo que, desses 12%, 9% são crianças com 9 ou 10 anos. A maioria das crianças não referiu ter ficado incomodada ou perturbada no seu uso da internet.

Como já referimos, os riscos não são necessariamente experienciados pelas crianças como desconfortáveis ou nocivos. Uma em cada oito crianças respondeu, no questionário, já ter visto ou recebido imagens de cariz sexual *online*, mas isso só parece ter constituído uma experiência desconfortável para algumas. Mais ainda, apenas uma em cada 12 crianças se encontrou *off-line* com um contacto *online*, e este risco também raramente apresentou uma consequência danosa, segundo a perspetiva das crianças (Livingstone *et al.*, 2011).

Os rapazes, sobretudo adolescentes, estão mais expostos a imagens sexuais *online*, enquanto as raparigas adolescentes têm mais probabilidade de receberem mensagens *online* maldosas ou desagradáveis. Isto vai ao encontro do relatório anterior de 2009, de Hasebrink *et al.* e também Livingstone e Helsper (2007), onde se refere que os rapazes experienciam mais riscos de conteúdos, enquanto as raparigas experienciam mais riscos de contactos.

Os adolescentes encontram mais riscos *online* do que as crianças mais novas, embora o modo com estas últimas lidam com esse risco permaneça pouco estudado (Hasebrink *et al.*, 2009). De igual forma, o relatório de 2011 de Livingstone *et al.* refere também que os riscos aumentam com a idade, o que pode ser explicado pelo maior

envolvimento em comportamentos de risco que é próprio da fase de desenvolvimento em que estes jovens se encontram, a adolescência.

Enquadramento Legal do Abuso Sexual de Crianças

O Código Penal em função da entrada em vigor da Lei n.º 59/2007, de 4 de Setembro, o capítulo “*Crimes contra a Liberdade e Autodeterminação Sexual*” deste mesmo diploma passou a integrar somente duas Seções que enquadram legalmente o crime de abuso sexual; a saber:

Secção I – “*Crimes contra a Liberdade Sexual*” (artigos 163º a 170º)

Secção II – “*Crimes contra a Autodeterminação Sexual*” (artigos 171º a 179)

Nos crimes contra a liberdade sexual atenta-se contra o direito de cada um dispor livremente da sua sexualidade, e nos crimes contra a autodeterminação sexual o comportamento criminoso afecta o direito da vítima, menor de 14 anos³, ter um desenvolvimento saudável, inclusive no plano da sexualidade tendente à consolidação de uma personalidade igualmente sã. Neste artigo está presente a preocupação de proteção das pessoas que presumivelmente ainda não têm o discernimento necessário para, no que concerne ao sexo, se possam exprimir com liberdade e autenticidade, defendendo-as contra a prática de cópula, coito anal, coito oral ou outros atos sexuais de relevo, de atos de carácter exibicionista e de condutas censuráveis obscenas ou mesmo pornográficas. Aqui o bem jurídico tutelado é a autodeterminação sexual, diferenciando assim do crime de violação, onde o bem que se pretende salvaguardar é o da liberdade sexual, estando tutelado na Secção 1, do Capítulo V⁴. (Gonçalves, 2007).

Assim, neste estudo, estão em causa condutas obscenas ou mesmo pornográficas ou de carácter exibicionista, tais como, conversas sexualizadas, exibição do corpo, ou de partes do corpo, pedidos sexuais, pois estes atos podem prefigurar crime de abuso sexual. Pode haver lugar a contactos abusivos físicos aquando dos encontros marcados *off-line* com desconhecidos.

Os predadores *online* e as suas vítimas

Um ofensor ganha a confiança de uma criança através de um processo, que pode ser mais ou menos longo, de sedução, ao qual damos o nome de *grooming* sexual. Assim o

³ No código penal, refere-se a crianças como o menor de 14 anos, *cf.* artigo 171.º, adolescentes como o menor entre 14 e 16 anos, *cf.* artigo 173.º, e, simplesmente menor, como o menor entre os 14 e 18 anos, *cf.* artigos 172.º e 174.º

⁴ *cf.* artº 164 do Código Penal

ofensor, ao ganhar a confiança da criança/jovem, cria uma oportunidade para abusar dela ou para a explorar sexualmente (Lanning, 2001).

As definições típicas descrevem um homem (perpetrador) que se apresenta como o amigo adulto da criança, como alguém que partilha dos mesmos interesses, por vezes oferecendo presentes, e que providencia conforto e compreensão para os problemas daquela (Shannon, 2008; Lanning, 2001).

Com o passar do tempo, o adulto estranho vai desenvolvendo uma relação de exclusividade com a criança, criando simultaneamente uma distância entre a criança e os seus pais ou outras pessoas significativas que possam funcionar como protetoras contra várias formas de abuso (Lanning, 2001). Esta estratégia serve para reduzir a probabilidade de o abuso planeado ser descoberto ou denunciado (Martens 1989; McAlinden 2006, cit in Shannon 2008). Neste processo também entram fatores como a escolha do alvo. O agressor recolhe informação sobre interesses (desporto, religião, educação, internet) e vulnerabilidades, de forma a preencher as falhas físicas e emocionais que identifica no seu alvo para assim conseguir a sua confiança e controle sobre o mesmo, através da simpatia, da pressão de pares e até de ameaças (Lanning, 2001).

Muitas crianças têm apenas uma vaga ideia do conceito de “sexo”. São assim seduzidas e manipuladas pelos ofensores mais experientes e, dependendo da idade e do nível desenvolvimental, não compreendem ou reconhecem a total extensão do problema em que se estão a envolver. Estes temas podem ser introduzidos, por exemplo, com conversas envolvendo mensagens mais ou menos implícitas de cariz sexual com a criança, a visualização de imagens pornográficas ou filmes ou mesmo exibição de partes do corpo, desta forma também se pode estender ao risco de abuso sexual *online*, pelas actividades abusivas que aí podem ser praticadas.

No decorrer do processo de *grooming*, os perpetradores empregam diferentes estratégias para assim introduzirem temas sexuais nas relações com a criança. O objectivo de tais ações é normalizar gradualmente comportamentos sexualizados dentro das relações que são estabelecidas (Lanning 2001).

Na fase final do processo, o perpetrador vai aumentando a intimidade sexual (através de contactos físicos/virtuais mais íntimos com a vítima). Esta sexualização gradual da relação continua até que a criança esteja preparada para se envolver em atos sexuais próprios de adultos (Shannon 2008).

Sumariando, o *grooming* sexual pode ser visto como um processo de manipulação que serve uma panóplia de propósitos: acabar com a resistência da criança para assim esta se envolver em actividades sexuais; produzir a situação ou situações onde o abuso sexual

possa acontecer, ao mesmo tempo que torna menos provável a criança denunciar o ato abusivo a outros. (McAlinden 2006, cit in Shannon 2008).

Com o crescente uso das redes sociais, a comunicação com pessoas desconhecidas aumentou, aumentando simultaneamente o envolvimento dos jovens com potenciais ofensores. Durkin (1997) propõe três formas de como a internet pode ser usada pelos ofensores: (i) para disseminação de imagens abusivas para razões pessoais e/ou comerciais; (ii) para se estabelecer e criar relações nas redes sociais com outros indivíduos que tenham interesses sexuais em crianças; (iii) para se envolverem em conversações de cariz sexual com crianças e/ou localizá-las para tal. Vai ainda mais longe dizendo que a internet pode ser usada como método de acabar com restrições, de forma “encoberta”, no que concerne ao acesso a crianças, por parte daqueles que já foram condenados por abuso sexual.

A adolescência e os riscos sexuais *Online*

Durante a adolescência a importância da sexualidade aumenta, aumentando também a curiosidade acerca da mesma (Papalia, Olds e Feldman, 2001). Para satisfazer essa curiosidade os adolescentes usam a internet de uma forma não segura, por exemplo falando com pessoas desconhecidas e partilhando informação pessoal. Investigações mostram que enviar informação pessoal a estranhos ou falar sobre conteúdos sexuais podem levar a consequências negativas, tais como: receber pedidos não desejados de fotografias sexuais (Mitchell et al, 2007; Ybarra, Mitchell, Finkelhor, & Wolak, 2007).

As teorias que dizem respeito aos preditores do risco *off-line* dos adolescentes podem ser tipicamente divididas em três grupos: biológicas, psicológicas/cognitivas e ambientais/sociais (Igra e Irwin, 1996, cit in Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2010).

O nosso estudo baseia-se nos preditores cognitivos/psicológicos, existindo três cognições que a literatura da especialidade salienta como importantes no que concerne ao envolvimento em comportamentos sexuais na internet por parte dos adolescentes:

Primeiro, **a percepção dos adolescentes sobre o envolvimento dos pares em comportamentos de risco** mostrou-se um preditor do seu envolvimento nesse mesmo tipo de comportamentos (Lannotti e Bush, 1992, cit in Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2010).

Vemos isso na mediação por pares, onde 73% das crianças dizem que os seus pares os ajudaram ou apoiaram no seu uso da internet, sendo que os pares têm maior probabilidade de mediar de uma forma mais prática, ajudando-se uns aos outros a fazer ou a descobrir algo quando surge uma dificuldade, com 44% das crianças a declarar ter recebido alguma orientação sobre o uso seguro da internet dos seus amigos e com 35% a referir que também deu conselhos a amigos (Livingstone *et al.*, 2011). Apesar de os pares

se poderem apoiar mutuamente, são também eles os atores de alguns comportamentos de risco, com 15% dos jovens entre os 11 e 16 anos a referir que receberam de amigos mensagens ou imagens de cariz sexual, ou seja, falaram sobre ter sexo ou receberam imagens de pessoas nuas ou a ter relações sexuais, enquanto 3% diz ter enviado ou colocado *online* conteúdos deste tipo (Livingstone *et al.*, 2011; Ybarra *et al.*, 2007).

A segunda cognição é a **percepção dos riscos e dos benefícios do comportamento**, que está relacionada com o envolvimento em comportamentos de risco. Quando o risco não é percebido e/ou não é avaliado como negativo e os benefícios são avaliados e experimentados pelos adolescentes, o envolvimento em situações de risco vai permanecer. (Parsons *et al.* 1997, cit in Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2010).

Em terceiro, a **percepção dos adolescentes de invulnerabilidade**, traduzida na tendência para subestimarem a probabilidade de existirem consequências negativas decorrentes do seu envolvimento em comportamentos de risco, que influencia o comportamento de risco dos jovens (Greene *et al.*, 2000, cit in Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2010).

De maneira geral, um oitavo dos que receberam mensagens com conteúdos sexuais (cerca de 2% de todas as crianças) ficou bastante ou muito perturbado, o que indicia que identificaram a situação como de risco. (Livingstone *et al.*, 2011). Realça-se aqui a reduzida percentagem de crianças que percebeu a existência de consequências negativas, o que pode levar a que, de acordo com o pressuposto da terceira cognição, se envolvam em mais comportamentos de risco semelhantes.

O leque de opções para lidar com a situação de desconforto é variado, no entanto as mais utilizadas e que trazem mais segurança para os jovens consistem em bloquear da pessoa que enviou esses conteúdos (40%) e apagar as mensagens indesejadas (38%), (Livingstone *et al.*, 2011).

O uso das redes sociais na adolescência

Nos últimos anos tem-se assistido à intensificação e divulgação das chamadas redes sociais (uma comunidade online, onde cada utilizador cria um perfil pessoal que o identifica na comunicação com outros utilizadores dessa mesma comunidade (Lenhart, Purcell, Smith, & Zickuhr, 2010, cit in, Mazur, & Richards, 2011), que permitem manter relações interpessoais através da internet (Chaulk & Jones, 2011). Desde o surgimento do hi5 e posteriormente do facebook, vemos a sua grande divulgação e utilização nas práticas comunicacionais, quer sejam quotidianas, quer sejam laborais.

Além de susterem uma série de relações pré-existentes (Chaulk & Jones, 2011), os perfis sociais permitem a criação de novas relações com alguém de qualquer parte do

mundo, algo que alicia os jovens na descoberta do mundo e de pares com quem se identifiquem. Uma das questões que se levanta é em termos de segurança da informação que lá colocamos e dispomos, pois, como referem Livingstone *et al.* (2011), a prevalência de tais perfis sociais nas redes é considerável, com 59% das crianças dos 9 aos 16 anos a ter um perfil numa rede social. De salientar que 26% dos utilizadores de redes sociais refere que o seu perfil é público e que qualquer pessoa o pode ver. Em Portugal esta realidade não é muito diferente, com 59% das crianças e jovens a ter um perfil numa rede social, sendo que a maioria dos utilizadores tem o perfil público (25%) (Livingstone *et al.* 2011).

Os perfis sociais podem ser assim um veículo condutor de contactos com estranhos e de partilha da vida privada, o que pode potenciar o reconhecimento de vulnerabilidades que encorajem um ofensor a interagir com determinado possuidor de perfil (Chaulk & Jones, 2011).

Para além disso, como vimos acima, a adolescência é uma fase em que o adolescente se autonomiza, aumentando os laços com os pares, bem como a partilha de experiências. A criação de relatos diários acerca do seu quotidiano, leva a que se possa aceder a localizações, pensamentos, ideias e sentimentos que o adolescente queira partilhar, bem como fotografias, mais ou menos pessoais. São também escritos comentários a esses perfis, como forma de interacção entre pares e de estreitamento dos laços de forma a fortalecer a pertença a determinados grupos (Moinian, 2006).

Como vemos as redes sociais são os novos meios de comunicação e afiliação com determinados grupo de pares, bem como com novos riscos, algo que não deve ser deixado de parte.

Acesso a Conteúdos Sexuais pelos adolescentes

Durante a adolescência a importância da sexualidade aumenta, aumentando também a curiosidade acerca do assunto. Para satisfazer essa curiosidade, os adolescentes podem usar a internet de uma forma não segura, por exemplo visualizando sítios pornográficos, onde, para além de vídeos e imagens pornográficas, abundam chats que permitem a interação entre o adolescente e desconhecidos e que têm como objetivo a gratificação sexual (Baumgartner, Valkenburg, & Peter, 2010).

A presença deste tema deve-se ao fato de ser fácil aceder a pornografia na internet tornando o seu acesso arriscado para os adolescentes, pois os jovens podem encontrar pornografia inadvertidamente. É comum ouvir histórias sobre jovens que pesquisavam assuntos para trabalhos escolares e que se depararam com imagens sexualizadas ou mesmo pornográficas.

No relatório mais recente da *EU KIDS ONLINE* 14% das crianças dos 9 aos 16 anos viram nos últimos 12 meses imagens *online* que eram obviamente sexuais – por exemplo, mostrando pessoas nuas ou a ter relações sexuais (Livingstone *et al.* (2011),

Neste risco os rapazes ultrapassam as raparigas, superficialmente (57% e 42%) devendo-se talvez ao fato dos rapazes permitirem que a sua curiosidade os leve para mais perto desse tipo de conteúdos (Finkelhor, Mitchell e Wolak, 2000; Staksrud & Livingstone, 2009). De ressaltar que a maioria da exposição a tais conteúdos acontece primeiramente em casa e de seguida na escola (Finkelhor, Mitchell e Wolak, 2000). Sendo que são colocadas aqui questões da segurança na escola que é um lugar onde muitos jovens se iniciam no uso da internet.

Denota-se que 23% das crianças viram conteúdos sexuais ou pornográficos nos últimos 12 meses, na internet, fazendo desta uma fonte de pornografia tão comum como a televisão, o cinema ou o vídeo. De novo são os adolescentes mais velhos a terem quatro vezes mais probabilidades do que as crianças mais novas de ter visto pornografia *online* e as imagens sexuais que viram *online* são mais explícitas (Livingstone *et al.*, 2011; Wolak, Mitchell e Finkelhor, 2006), corroborando os dados já descobertos por Mitchell, Wolak e Finkelhor (2007), onde a exposição a pornografia era particularmente notória entre os 10 e 12 anos e os 16 e 17 anos, sendo as crianças as que se sentem mais incomodadas ou perturbadas quando confrontadas com esses conteúdos.

Em Portugal entre as crianças e jovens que viram conteúdos sexuais, uma em cada quatro declara ter ficado incomodada com isso (Livingstone *et al.* (2011).

Após a visualização desses conteúdos os jovens tendem a falar sobre o assunto, sendo os amigos a quem mais frequentemente recorrem, seguidos pelos progenitores. No que concerne a ações práticas para evitar futuras visualizações, estas são quase inexistentes, sendo que apenas 25% deixou de usar a internet por uns tempos e poucos mudaram as suas definições de filtros ou contactos (Livingstone *et al.* (2011).

A adolescência e os contactos com desconhecidos na internet

De fato as crianças e os adolescentes deparam-se com vários riscos na internet que se relacionam com a comunicação. Fazer amizades online tem atraído as atenções como sendo um comportamento de risco, especialmente quando leva a contactos *off-line* ou ao fornecimento de informação pessoal *online* (Livingstone *et al.* (2011).

Em 2011 a actividade de risco *online* mais comum declarada pelas crianças é comunicar com novas pessoas que não conhecem presencialmente. 30% das crianças europeias dos 9 aos 16 anos que usam a internet já comunicaram com alguém que não

conheciam cara-a-cara, uma actividade que tem a dualidade de ter tão arriscada como divertida (Livingstone *et al.* (2011).

A questão colocada aqui é: que riscos existem nessas conversações? Finkelhor, Mitchell e Wolak (2000) realizaram um inquérito nacional a uma amostra de 1501 jovens entre os 10 e 17 anos e concluíram que aproximadamente 1 em cada utilizador regular da internet (19%) recebeu solicitações sexuais indesejadas no último ano. Essas solicitações eram feitas por adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos que comunicavam com os jovens através de salas de chat, mantendo com os mesmos conversas sexualizadas e, por vezes, a prática real de actos sexuais, tais como a masturbação.

Coloca-se então a questão: perante tal situação como reagem os jovens? Na maioria dos casos os jovens não reportam a ninguém, nem mesmo a amigos ou conhecidos, mesmo quando a situação é demasiado perturbadora (Finkelhor, Mitchell e Wolak, 2000).

O processo de diálogo vai-se tornando gradualmente algo necessário, e aquela pessoa, que não se conhece pessoalmente, está lá, quando o adolescente precisa de falar, acabando por se tornar amiga deste; com quem ele pode falar daquilo que realmente é importante, com os mesmos gostos por música, jogos e entretenimento (Finkelhor, Mitchell & Wolak, 2000). A maioria destes incidentes é breve e facilmente evolui para conteúdos mais agressivos, incluindo contactos ou tentativas de contactos *off-line* com o adolescente.

E apesar de serem raros os encontros *off-line* com as pessoas que se conheceram *online*, eles existem e cerca de 9% das crianças encontraram-se *off-line* com pessoas que conheceram *online* no último ano (Livingstone *et al.*, 2011).

Em Portugal 5% das crianças e jovens respondeu já ter ido a encontros *off-line* com pessoas que conheceu *online* e 16% diz manter ainda contactos com essas pessoas, sendo que se situam, apesar de tudo abaixo da média europeia, respectivamente 9% e 30% (Livingstone *et al.*, 2011).

Como sabemos a adolescência é uma fase em que o grupo de pares toma uma relevância significativa. A internet ao providenciar novas e diferentes formas de amizade e afiliação pode, também fornecer novos e diferentes perigos, sendo que na maior parte dos casos, como vimos, os adolescentes não os identificam como tal.

O conhecimento dos pais e a mediação parental

Formas de mediação parental

A investigação tem vindo a examinar o papel dos pais no uso que as crianças fazem da internet, distinguindo várias formas destes mediar/acompanharem o uso da internet

com dos seus filhos (Livingstone & Helsper 2008; Nathanson, 2001; Valkenburg, Krcomar, Peeters & Marseille, 1999). São elas:

- (i) co-uso – em que os pais estão presentes ou até a partilhar a actividade com a criança,
- (ii) mediação ativa – os pais falam sobre o conteúdo que é encontrado (interpretando e criticando) de forma a guiar a criança,
- (iii) mediação restritiva – em que os pais impõem regras que restringem o uso da internet por parte da criança (e.g. impondo limites temporais ou o tipo de actividades autorizadas),
- (iv) monitorização – os pais verificam a actividade dos filhos na internet e/ou o histórico da internet após uso por parte da criança,
- (v) restrições técnicas – uso de *software* ou filtros para restringir ou monitorizar o uso da internet.

Em geral os pais preferem falar sobre o que os filhos fazem *online* e ficar por perto enquanto estão a navegar, por diferentes ordens de razão. Com as crianças mais novas os pais preferem falar e ficar por perto enquanto estes navegam, porque desejam partilhar as suas experiências; com os adolescentes optam pela monitorização por pensarem que as regras não funcionam ou não são adequadas para a idade (Hasebrink, *et al.*, 2009).

Os pais que também utilizam a internet estão menos preocupados do que os que não a usam (Hasebrink, *et al.*, 2009). Sendo assim, uma possível maneira de diminuir a ansiedade destes pais é conseguir que usem a internet, uma vez que assim irão adquirir experiência *online* e melhorar as suas competências de regulação do uso da internet.

O Impacto da Mediação Parental

O eurobarómetro de 2008 revelou que os pais de crianças entre os 6 e 17 anos, na União Europeia de 27, estavam bastante ou muito preocupados com a possibilidade de os seus filhos verem imagens sexuais/violentas (65%), serem vítimas de aliciamento *online* (60%), obterem informações sobre auto-mutilação, suicídio ou anorexia (55%), serem intimidadas por outras crianças utilizadoras da internet (54%), isolarem-se das outras pessoas (53%) e darem informações pessoais ou privadas (47%). Um quarto dos pais preocupa-se com estes riscos, sendo que se preocupam mais com as raparigas e com crianças mais novas (Hasebrink, *et al.*, 2009), embora, como se viu, os rapazes e adolescentes encontram tantos ou mais riscos *online*.

Apesar destes dados, um em cada 8 pais (13%) parece não fazer nenhuma das formas de mediação que lhe foram perguntadas. Não impeditivo, metade dos pais tem uma intervenção positiva, sugerindo à criança como se comportar com outros quando está *online*,

falar sobre coisas que a podem incomodar e ajudar quando surge algum problema (Livingstone *et al.*, 2011).

O uso de ferramentas técnicas de segurança é relativamente baixo: pouco mais de um quarto dos pais bloqueia ou filtra *sites* (28%) e/ou monitoriza os *sites* visitados pelo seu filho (24%) (Livingstone *et al.*, 2011).

Apesar da preocupação que os pais manifestam acerca do uso da internet e dos esforços que fazem para se manterem atualizados acerca do que os seus filhos fazem, apontam que os pais de crianças que já viveram um dos riscos apontados não se apercebem desses riscos (Livingstone & Helsper, 2008). Exemplificando 40% dos pais cujos filhos já viram imagens sexuais *online* afirmam que eles não as viram (Livingstone *et al.*, 2011).

Em Portugal apenas 13% das crianças e jovens declaram ter visto imagens sexuais em sites, e apenas 4% dos pais acham que os filhos já as encontraram. De realçar ainda que 56% dos pais cujos filhos receberam mensagens desagradáveis ou prejudiciais *online* e 52% dos pais de crianças que receberam mensagens sexuais declaram que elas não as receberam. Assim bem como 61% dos pais cujas crianças se encontraram *off-line* com um contacto *online* desconhecem este fato (Livingstone *et al.*, 2011). Sabemos que a incidência de encontros *off-line* afeta um pequeno número de crianças, todavia destaca-se o elevado risco que estas crianças correram e o elevado nível de desconhecimento dos pais.

ESTUDO EMPÍRICO

Hipótese e Perguntas de Investigação

Neste estudo propomo-nos responder a um conjunto de questões relacionadas com a internet como espaço propício à ocorrência de interações de cariz sexual, com potencial abusivo para os utilizadores menores de idade e com os riscos de abuso aí inerentes.

Procuramos então:

- (i) Caracterizar a frequência e os tipo de uso da internet pelos inquiridos;
- (ii) Relacionar a utilização dos perfis sociais na internet com a exposição potencial a riscos de cariz sexual;
- (iii) Caracterizar o acesso dos inquiridos a conteúdos de carácter sexual;
- (iv) Identificar possíveis contactos online com pessoas desconhecidas e contactos presenciais eventualmente daí decorrentes;
- (iv) Identificar possíveis contactos *online* com pessoas conhecidas *off-line*;
- (v) Caracterizar o papel dos pares nestas interações;

(vi) Caracterizar o papel mediador dos pais nestas interações.

Técnicas e Instrumentos

A técnica utilizada para a recolha de dados foi a entrevista semi-estruturada. O motivo de tal escolha prendeu-se com o fato de ser possível, ao utilizar esta técnica, aceder a discursos subjetivos acerca das experiências vividas em torno da internet, bem como à significação dessas experiências pelos respetivos intervenientes. A cumular com estas mais-valias permite ainda que cada entrevistado aceda à sua própria experiência subjetiva, sendo-lhe dada a liberdade de construir o seu discurso de forma particular. O instrumento foi construído especificamente para este estudo, o guião da entrevista foi escrito com base na revisão da literatura acerca do tema, contendo os principais domínios a serem abordados ao longo das entrevistas.

Garantia-se anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a utilização restrita dos dados para investigação científica. Era dada a liberdade ao participante para interromper a entrevista ou não responder a alguma questão que o fizesse sentir desconfortável, podendo fazê-lo a qualquer momento.

O guião construído (ANEXO I) possuía 184 questões, agrupadas nos seguintes 5 temas.

Tema 1 - Utilização da internet - O primeiro tema é a utilização da internet, explorado pelas questões 1 a 14. Serve o propósito de contextualizar e introduzir a entrevista, bem como perceber o grau de utilização que cada entrevistado fazia da internet.

Tema 2 - Perfis sociais - O segundo tema é abordado nas questões 15 a 24. Procuramos perceber a existência de perfil social. Que tipos de atividades eram realizados, bem como possíveis formas de proteção que o adolescente punha em prática, a publicidade do perfil criado e conteúdos existentes.

Tema 3 - Conteúdos sexuais - O terceiro tema é o acesso a conteúdos sexuais, abordado desde a questão 25 até à 37. Procurámos perceber se os entrevistados já tinham acedido alguma vez a sítios de conteúdo sexual; como os haviam descoberto e até se alguém já lhes tinha enviado mensagens com conotação sexual, de forma a avaliarmos potenciais contactos abusivos com estranhos ou conhecidos.

Tema 4 - Contactos online com pessoas desconhecidas (e contactos off-line decorrentes desses encontros online) - A maior temática abordada na entrevista são os contactos online com pessoas desconhecidas e eventuais encontros *off-line* decorrentes desses encontros *online*. Este tema é abordado desde a questão 38 até à questão 162.

Este tema divide-se em três situações: da questão 38 até à questão 90 aborda-se o primeiro/mais marcante contacto que se teve com uma pessoa desconhecida. Da questão

91 até à questão 116 abordam-se outros contactos com desconhecidos que possam ter existido, e da questão 117 até à 162 aborda-se a sensação de desconforto ou de risco que possa ter advindo desses contactos *online* ou *off-line*.

Tema 5 - Contactos online com pessoas conhecidas off-line Outra área de inquérito incidu nos contactos *online* constrangedores com pessoas que se conheciam *offline*. Com início na questão 163 e termo na questão 184, procurou-se analisar a questão de os próprios pares serem por vezes atores dos riscos ao disseminar mensagens de cariz sexual ou ameaçador (Livingstone *et al.*, 2011; Chaulk & Jones, 2011), bem como o fato de o possível agressor sexual se familiarizar com a criança e com os progenitores desta, de forma a poder estar mais perto dela e evitar a denúncia de abuso (Lanning 2001, Shannon 2008).

Participantes e Procedimento

A seleção dos participantes foi conseguida através de uma Escola Básica E.B. 2,3 do Concelho de Guimarães que aceitou colaborar como veículo condutor de informação da ocorrência deste estudo e como intermediária do mesmo junto dos Encarregados de Educação.

Fomos a diversas turmas, desde o 7º até ao 9º ano, passando pelos Cursos Educação Formação, para divulgar o projeto. Aqueles alunos que anuíam a participar levaram para o Encarregado de Educação uma informação onde constava a descrição do projeto e os objetivos do mesmo. Só após autorização do Encarregado de Educação é que se procedeu à recolha de dados, com a gravação das entrevistas. A recolha decorreu entre Outubro de 2010 e Fevereiro de 2011, em recinto escolar, numa sala que a Direcção da escola disponibilizou para o efeito.

As entrevistas não interferiram na carga lectiva dos participantes, sendo realizadas em horários previamente acordados, quer com os próprios, quer com os docentes. Cada entrevista foi transcrita integralmente, para análise posterior.

Nesta pesquisa participaram 19 adolescentes com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos de ambos os sexos, sendo 9 participantes do sexo masculino (média de idades 14,2 anos, d.p. 0.92) e 10 participantes do sexo feminino (média de idades 14,8, d.p. 0.98).

De forma a garantir a confidencialidade dos dados procedeu-se à codificação dos participantes. Cada um foi codificado com o número de ordem de realização da entrevista, sendo posteriormente identificado com F ou M, consoante fosse do sexo feminino ou masculino, terminando com a idade do participante.

Exemplificando: “1M16”; indica que foi a primeira entrevista realizada, é um participante do sexo masculino e tem 16 anos.

Análise de dados – Análise de Conteúdo Categorical

Para tratamento de toda a informação recolhida e atendendo à natureza exploratória do estudo foi utilizada a análise de conteúdo, método qualitativo que permite aceder às percepções, experiências e significações dos participantes, além de que permite também projetar ou ensaiar hipóteses (Almeida & Freire, 2003). A análise de conteúdo foi feita numa perspetiva mista, ou seja qualitativa e quantitativa. Não só se verificou a presença ou ausência de um determinado conteúdo, bem como o número de vezes que esse conteúdo estava presente no discurso dos entrevistados.

Tendo em conta a variedade de dados recolhidos e de forma a clarificar a metodologia, ressalta-se que todos os episódios vivenciados pelos participantes foram analisados, mesmo que o mesmo participante tenha vivenciado vários contactos, quer *online*, quer *off-line* com desconhecidos, de forma a analisar os discursos e as significações atribuídas; e, visto que nem todos os participantes se confrontaram com as mesmas situações *online*, é uma forma de ampliar o leque de significações.

A análise de conteúdo envolveu três fases distintas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados. Na pré-análise organizou-se o material, tendo sido feita uma leitura flutuante das entrevistas transcritas”. Na exploração do material, categorizaram-se os dados, para finalmente serem interpretados. A unidade de registo utilizada foi a frase, ou seja, cada produção do participante com um sentido completo, e a unidade de contexto foi o parágrafo correspondente à resposta que o participante produziu quando foi questionado.

Algumas categorias definidas no tratamento de dados estavam à partida definidas com base na investigação já realizada. Por outro lado, foram surgindo dimensões e categorias a partir das produções dos participantes. Por conseguinte, no tratamento e análise dos dados utilizou-se um método misto (dedutivo e indutivo), que Bardin (1977) nomeia de procedimento de “caixa” e “milha”, respectivamente.

O processo de categorização permitiu a construção de sete grandes temas – *Uso da Internet, Perfis Sociais, Acesso a Conteúdos de Carácter sexual, Contactos Online com Desconhecidos, Encontro Off-line com Desconhecidos, Contactos Online Constrangedores com Conhecidos Off-line*, e, por fim, *Mediação Parental* – os quais se dividem em categorias e subcategorias. A organização de cada um dos temas, categorias e subcategorias deu origem a uma grelha de análise de conteúdo (ANEXO II). A definição detalhada de cada um dos temas, categorias e subcategorias é apresentada de seguida.

Temas, categorias e sub-categorias

Uso da Internet. Neste tema inserem-se todas as unidades de registo que definem o uso da internet, em que condições é feito esse uso e o tipo de actividades realizadas.

Actividades: engloba tudo o que se refere ao que o participante faz na internet, estando dividido em *sites de conversação/perfis sociais; Pesquisas escolares* e *Outras actividades*.

Frequência do uso: engloba tudo o que se refere ao número de vezes que a internet é utilizada pelo participante, englobando como subcategorias *diariamente*, quando os participantes afirmaram utilizar a internet todos os dias, incluindo fins-de-semana, e até mais do que uma vez por dia, *semanalmente*, quando apenas consulta a internet alguns dias por semana, mesmo que aconteça utilizar várias vezes ao dia, e *outra*, quando existe a referência a outro tipo de frequência. Quando existe a referência ao uso da internet até 5 dias por semana, foram categorizados como fazendo parte da subcategoria *semanalmente*.

Ambiente envolvente: engloba, o contexto interpessoal e físico, no que se refere ao ambiente que circunda o participante aquando do uso da internet. Inserem-se aqui as subcategorias *Pares*, quando é alguém do grupo de pares que acompanha o participante, *Família*, quando o jovem refere estar na presença de familiares, e *Sozinho*, quando o jovem refere não estar acompanhado.

Tempo de utilização: engloba todas as produções que se referem ao tempo que o participante utiliza a internet, divide-se em *Até uma Hora*; e *Mais do que uma Hora*.

Utilização de Filtros: engloba as produções dos participantes acerca do uso de algum tipo de filtro ou *Software* que proteja a utilização da internet. Ficam então englobadas aqui as subcategorias *Utiliza*, quando existe a referência ao uso de qualquer tipo de filtro; *Não Utiliza*, quando não existe a referência ao uso de tais formas de segurança.

Perfis Sociais. Neste tema incluem-se todas as unidades de registo que fazem referência aos perfis sociais, bem como às actividades inerentes aos mesmos; constrangimentos sentidos, e discursos acerca de potenciais perigos com que se podem deparar.

Existência de Perfil social: engloba as produções dos participantes sobre a existência ou não existência de perfil social.

Actividades nos Perfis Sociais: engloba as produções dos participantes acerca das actividades realizadas no perfis sociais, que vão desde: *Jogar, Publicar Fotografias, Visitar Perfis, Comentar/Receber comentários, Partilhar Dados*, e *Outras* (quando existe referência a outras actividades exercidas).

Publicidade do Perfil Social: engloba as produções dos participantes sobre quem pode ter acesso ao seu perfil social. Divide-se em *Só os amigos*, quando só quem o participante

aceitou como amigo é que pode ver o seu perfil, estando assim barrado a todos os outros utilizadores da rede; *Perfil Público*, quando quem pode ver o perfil social do participante são todos os utilizadores daquela rede social, sem restrições ou qualquer tipo de controlo, e por último, *Não sabe*, quando o participante não tem a certeza acerca do tipo de publicidade que o seu perfil social tem.

Experiências desagradáveis com o perfil social: engloba as produções dos participantes sobre a existência ou não de situações desagradáveis/constrangedoras com o seu perfil social. Divide-se em *Existem*, quando o participante refere a existência de alguma situação, sendo então descrita, e *Não existem*, quando o participante não identifica nenhum episódio desagradável com o perfil social.

Proteção dos perfis Sociais: engloba as produções que se referem ao uso ou não uso de algum tipo de estratégias de proteção do seu perfil Social. Divide-se igualmente em *Existem*, quando o participante refere quais as estratégias que usa para se proteger de pessoas ou situações indesejadas; e *Não Existem*.

Por último, Conhecimento Parental dos Conteúdos do Perfil Social: engloba as produções dos participantes que referem aquilo que os progenitores conhecem dos conteúdos e/ou das actividades do seu perfil social. Divide-se em *Sim*, quando existe conhecimento parental, parcial ou total, dos conteúdos/actividades realizadas pelo participante; e *Não*, quando o participante refere que os progenitores não têm qualquer conhecimento dos conteúdos/actividades do perfil Social.

Acesso a Conteúdos de Carácter Sexual. Neste tema incluem-se todas as unidades de registo que caracterizam o acesso dos inquiridos a conteúdos de cariz sexual.

Visualização de Conteúdos Sexuais: engloba as produções dos participantes sobre o contacto que existiu, ou que não existiu, com conteúdos de cariz sexual, quer tenha sido em *site* pornográfico; ou outra forma de visualização de conteúdos sexuais.

Como se deu o contacto: engloba as produções dos participantes no que concerne ao contacto ter sido resultado de *Procura Intencional*, quando o jovem deliberadamente procurou tais conteúdos, ou *Procura Não Intencional*, quando o jovem se deparou com tais conteúdos inesperadamente.

Frequência do Contacto: engloba as produções dos participantes sobre o número de vezes que se confrontaram com conteúdos sexuais; encontra-se subdividida em *Uma vez*, quando o acesso a tais conteúdos se deu apenas por uma vez; *Várias Vezes*, quando o acesso aconteceu duas vezes ou mais vezes.

Ambiente envolvente: engloba, o contexto interpessoal e físico no que se refere ao ambiente que circunda aquando do acesso a conteúdos de cariz sexual, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 23).

Características do site: caracteriza o *site*, ao qual o jovem acedeu, em termos de conteúdos visuais, abrangendo a subcategoria *Vídeos*, quando os conteúdos acedidos são vídeos eróticos ou pornográficos.

Contactos Posteriores: caracteriza contactos posteriores ao inicial com o mesmo tipo de conteúdos, dividindo-os em *Propositados*, quando o acesso posterior é deliberadamente realizado pelo jovem e; *Inadvertidos*, quando existem contactos posteriores que não foram pretendidos pelo jovem.

Reação à Visualização: caracteriza a resposta que cada jovem perante tais conteúdos. *Interromper a visualização*; engloba todas as unidades de registo que iniciem uma ação que visa cessar o acesso aos conteúdos sexuais; *Continuar a visualização*, engloba todas as unidades de registo que mostrem que não foi feita nenhuma ação para terminar a visualização dos conteúdos, ou que demonstrem a vontade do jovem em continuar com tal visualização. *Outra*; engloba tudo aquilo que tenha acontecido em termos de resposta à visualização de tais conteúdos por parte do jovem que não implique o continuar da visualização ou o término desta; (ex: Rir).

Grau de incómodo sentido na data: caracteriza o incómodo vivenciado perante tais conteúdos, na altura do acontecimento. *Incomodado*; abarca todas as unidades de registo em que o jovem se mostrou/sentiu algo constrangido por ter acedido a tais conteúdos. *Nada incomodado*; engloba todas as unidades de registo onde o jovem expressa não ter sentido qualquer tipo de incómodo por ter acedido a tais conteúdos.

Grau de incómodo sentido no presente: caracteriza o incómodo vivenciado perante tais conteúdos que ainda se manifesta. Divide-se igualmente em: *Incomodado*, que abarca todas as unidades de registo que refiram um certo constrangimento quando pensa na situação passada; *Nada incomodado*; engloba todas as unidades de registo onde o jovem expressa não sentir, actualmente, qualquer tipo de incómodo por ter acedido a tais conteúdos.

Mediação Parental na Perspectiva dos Adolescentes: descreve aquilo que o adolescente pensa que os seus pais fariam se soubessem do seu acesso a tais conteúdos. Divide-se nos 5 tipos de mediação parental descritos na parte teórica. *Co-uso*, *Mediação Ativa*, *Mediação Restritiva*, *Monitorização*, *Restrições Técnicas* e *Nenhuma*

Contacto online com desconhecidos. Neste tema incluem-se todas as unidades de registo que caracterizam o contacto dos inquiridos com pessoas desconhecidas *online*. Procura-se descrever como se deram tais contactos, como se processaram e como terminaram.

Contacto online com desconhecidos: engloba as produções dos participantes sobre eventuais contactos com pessoas desconhecidos *online*.

Iniciativa do Contacto: abarca as produções dos participantes sobre quem tomou a iniciativa do contacto. Divide-se em *Foi abordado pelo desconhecido*, quando alguém desconhecido inicia contacto com o participante, e; *Abordou o desconhecido*, quando quem iniciou o contacto com o desconhecido foi o participante.

Caracterização do contacto Online: Caracteriza o contacto *online* que o participante viveu, dividido nas seguintes subcategorias: *Sexo*, *Idade*, *Profissão*, *Morada*, ou *Não sabe*, quando não existem informações que tenham sido dadas acerca do contacto desconhecido.

Tipo de Comunicação: caracteriza as formas de comunicação que foram estabelecidas com o desconhecido. Divide-se em *Correio Electrónico*, *Comentário nos Perfis Sociais*, *Conversação Webcam/MSN*, *Chat Rooms*, e *Outros*, se existiram outras formas de contactar com desconhecidos na internet.

Conteúdo da Comunicação: Abarca as produções dos participantes sobre o conteúdo das comunicações com pessoas desconhecidas *online*. Divide-se em *Assuntos triviais*, quando o tema de conversação incide nos gostos pessoais, inserindo-se aqui itens exemplo como música, modelos, famosos. *Troca de fotografias*, quando o conteúdo da comunicação engloba a receção/envio de fotografias pessoais; *Troca de Informação Pessoal*, se houve o fornecimento de dados pessoais, tais como nome, morada, ambiente familiar e/ou escolar, falar de assuntos pessoais que se passaram no dia, uni ou bilateral. *Exibição Corporal*, quando em algum momento da conversação, quer o participante, quer o desconhecido, exibiram alguma parte do corpo desnudada; *Comentários/Solicitações Sexuais*; refere-se a quaisquer comentários proferidos pelo desconhecido que englobem solicitações sexuais e também comentários inapropriados. *Agressão verbal*, quando o conteúdo da comunicação são agressões mútuas ou unilaterais; e, por fim, *Outros Comentários*, quando o conteúdo na comunicação não se enquadra em nenhuma das subcategorias acima descritas.

Tipo de Relação Estabelecida: abrange todas as produções dos participantes que se refiram ao relacionamento estabelecido com o contacto desconhecido. Divide-se em *Amigo*, *Namorado*; e *Nenhuma/Outra*, quando nenhuma relação é identificada e/ou é caracterizada de outra forma pelo participante.

Grau de incómodo sentido na data: caracteriza o incómodo vivenciado perante tal contacto, na altura do acontecimento, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 25)

Grau de incómodo sentido no presente: caracteriza o incómodo vivenciado perante tais contactos, que ainda se manifesta presentemente, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 25).

Reação ao Contacto: abrange as reações dos participantes ao contacto estabelecido com o desconhecido, dividindo-se em *Manter Contacto*, quando não existe qualquer tipo de ação que termine o contacto com o desconhecido e também quando o jovem ainda mantém ou

manteve contacto com o mesmo; *Terminar Contacto*, quando existe uma ação levada a cabo pelo participante, que acaba com a conversação ou quando o participante expressa que não manteve, nem mantém actualmente; qualquer tipo de contacto com o desconhecido.

Encontro *Off-line* com desconhecidos. Neste tema incluem-se todas as unidades de registo que caracterizam os encontros *off-line*; que foram referidos com pessoas conhecidas *online*. Procura-se descrever como ocorreram tais encontros, como se processaram, como terminaram e como evoluiu a relação após os mesmos.

Pedido de Encontro *Off-line*: Compreende a existência de um pedido de encontro. Divide-se em duas subcategorias, consoante o pedido foi feito pelo participante, *O Próprio*, ou pelo contacto, *O Desconhecido*.

Identificação do Contacto *Online*: Abrange as características do contacto, desde o *Sexo*, *Idade*, *Profissão*, até *Morada*.

Grau de incómodo na data do pedido: caracteriza o incómodo vivenciado perante o pedido de encontro. *Incomodado*; abarca todas as unidades de registo em que o jovem se mostrou/sentiu algo constrangido por esse pedido. *Nada incomodado*; engloba todas as unidades de registo onde o jovem expressa não ter sentido qualquer tipo de incómodo aquando do pedido de encontro.

Revelação do pedido de encontro: descreve se houve revelação do pedido de encontro a terceiros. Divide-se em *Pares*, *Família*, e *Ninguém*.

Manutenção da Relação Após o pedido: Indica se a relação foi mantida após o pedido de encontro, divide-se em *Sim*, quando a relação não sofreu qualquer perturbação e se manteve, e *Não*, quando a relação não se manteve ou houve uma mudança significativa na comunicação entre ambos os interlocutores.

Onde se deu o encontro: Descreve o local onde o encontro se realizou, encontra-se dividida nas subcategorias, *Local Público* e *Local Privado*.

O que aconteceu: Abarca os acontecimentos que o participante referiu existirem no encontro. Encontra-se dividido em *Contactos Íntimos*, (incluindo beijos, abraços, entre outros); *Passear*, quando são referidos passeios ou caminhadas; e *Outros*, quando são identificadas outras acções.

Grau de incómodo sentido no encontro: caracteriza o incómodo vivenciado no encontro, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 25)

Grau de incómodo sentido no presente: caracteriza o incómodo vivenciado perante tal encontro que ainda se manifesta presentemente, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 25)

Manutenção da Relação após o Encontro: abrange as reações dos participantes ao encontro estabelecido com o desconhecido; divide-se em *Sim*, quando não existe qualquer tipo de ação que termine o contacto com o desconhecido e também quando o participante ainda mantém ou manteve contacto com o mesmo, quer pela internet, quer novamente presencial; *Não*, quando o participante não manteve, nem mantém actualmente, qualquer tipo de contacto com o desconhecido com quem se encontrou pessoalmente.

Contactos Online constrangedores com conhecidos off-line. Neste tema incluem-se todas as unidades de registo que caracterizam os contactos constrangedores *online* com pessoas conhecidas pessoalmente. Visa descrever tais contactos ao nível da identificação do contacto, do conteúdo da comunicação, bem como o grau de incómodo sentido pelo participante nessa ocasião e posteriormente.

Contacto Online constrangedor com pessoa conhecida off-line: divide-se em *Sim*, quando já existiu, por exemplo alguma agressão verbal ou comentários desapropriados, e *Não*, quando nunca se verificou.

Quem era: caracteriza o contacto, definindo o tipo de relação que o participante mantinha à data com o contacto. *Amigo, Namorado, Familiar.*

Ambiente envolvente: engloba contexto físico e interpessoal no que se refere ao ambiente que circunda aquando de tal contacto, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 23).

Conteúdo da Comunicação: Abarca as produções dos participantes sobre o conteúdo das comunicações constrangedoras com pessoas conhecidas, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 26)

Grau de incómodo sentido: caracteriza o incómodo vivenciado no decorrer da situação, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 25)

Grau de incómodo sentido no presente: caracteriza o incómodo vivenciado perante a situação vivida no passado, que ainda se manifesta presentemente, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 25)

Reação ao Contacto: abrange as reações dos participantes ao contacto estabelecido com o conhecido, conforme descrição oportunamente apresentada (p. 27).

Mediação parental. Este tema abarca todas as percepções dos participantes acerca da mediação parental efetiva que os progenitores exercem, bem como as suas opiniões sobre a mesma, como gostariam que os progenitores agissem e como acham que eles agiriam em determinadas situações. Caracterizada a partir da literatura, a mediação parental na perspectiva dos adolescentes: engloba percepções acerca da mediação parental, divididas em; *Mediação Ativa* – quando existem produções que remetem para conversas com os pais

sobre os conteúdos - encontrados (interpretando e criticando), *Mediação restritiva* – quando existem produções em que os pais impõem regras que restringem o uso da internet por parte do participante (e.g. impondo limites temporais ou restringindo o tipo de actividades autorizadas), *Monitorização* – quando se constata que os pais verificam a actividade dos filhos e/ou o histórico na internet após uso por parte do participante, e *Nenhuma* – quando não existe referência a nenhum tipo de mediação acima descrito.

Apresentação e Discussão dos Resultados

A apresentação dos resultados e a sua discussão resultam da análise de conteúdo acima descrita. Será feita, sempre que possível, uma relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica que serviu de base a este trabalho, por forma a podermos retirar algumas conclusões.

Relativamente ao primeiro tema – **Uso da Internet** – verifica-se que é bastante diversificado; no entanto, assenta; principalmente no uso de sites de conversação/ MSN. Dezasseis participantes referem-nos em trechos como “às vezes estou no MSN a falar com familiares” (18F13), o que permite identificar que a grande parte das actividades dos jovens se centra na comunicação com outros. Uma outra actividade que também foi referenciada por 7 dos participantes foi o uso da internet para pesquisas escolares, mas, ao contrário do que acontece com o uso de perfis sociais, aqui a utilização é feita apenas quando necessária, “Trabalhos para a escola quando é preciso.” (11F15). Outras actividades são referenciadas, concomitantemente com as anteriores descritas, tais como jogos “para jogar” (3M14) e visualização de vídeos online, “ver vídeos no youtube” (2M15), bem como a referência ao uso de downloads “sacar músicas” (10F15). No que se refere à frequência do uso, constou-se a presença de um discurso muito semelhante entre todos os participantes: é relatado o uso diário da internet por 17 participantes, sendo que por vezes é referido o uso mais do que uma vez por dia, “Às vezes todos os dias. Às vezes até 3 vezes por dia.” (11F15). Quando existe referência a um contacto semanal com a internet, este é bastante frequente, vemos isso nos seguintes trechos, “3 a 4 vezes por semana” (16M14). Estes dados vão ao encontro do que a literatura revela, pois Livingstone *et al.* (2011) referem que o leque de actividades mais praticadas eram as pesquisas para trabalhos escolares, clips de vídeo e mensagens instantâneas, sendo que, no presente estudo as mensagens instantâneas; são mais vezes referidas que as pesquisas escolares, o que pode indicar um aumento de importância desta actividade. Aquando do uso da internet, 16 participantes referem estar sozinhos, sem qualquer companhia, “Costumo estar sozinho” (4M14); no entanto em algumas situações estão acompanhados; por familiares com idades

aproximadas, com 3 participantes a mencionar “*em casa do meu primo ele está lá comigo.*” (13F16). Existe igualmente a referência à companhia do grupo de pares, “*às vezes estavam lá as minhas amigas, mas raramente.*” (5F14). Os discursos referentes ao tempo de utilização mostram que este excede uma hora de cada vez que o participante vai para a internet, com 18 dos inquiridos a referir utilizar entre uma hora ou mais, [e.g. “*para aí 3 horas.*” (6F14)]. Apenas houve referência a 1 uso de internet até uma hora, com o entrevistado 2M15 a referir “*40 minutos.*” Novamente, os dados coincidem com o que a literatura apresenta, com Livingstone et al. (2011) a referirem a existência de um grande número de inquiridos a usar a internet diariamente. Naquilo que se refere à utilização de filtros para se protegerem aquando do uso da internet, o discurso predominante é da não utilização de qualquer tipo de filtro, com 17 dos entrevistados a incluir-se nesta condição. Este dado denota que, quer os participantes, quer os seus progenitores não encetam nenhuma estratégia que vise a protecção no uso da internet, o que pode fazer com que se deparem aos adolescentes certos riscos que poderiam ser facilmente vedados, com filtros apropriados, tais como o acesso a conteúdos sexuais. Apenas 2 entrevistados referiram utilizar “*talvez pondo aquilo dos pop ups, porque assim já não entro.*” (4M14).

Relativamente ao segundo tema – **Perfis Sociais** – o discurso predominante é da existência de perfil social; apenas dois participantes referiram não possuir qualquer perfil social. Os restantes referem a existência de perfil social, e uma curiosidade interessante no discurso é a existência de vários perfis sociais para cada um dos participantes: por vezes têm 2 ou 3 perfis sociais, com os quais mantêm contactos na internet. Isto é visível nos trechos “*tenho hi5, facebook e twitter.*” (17M13). Também estes dados que são convergentes com outro estudos, que referem o aumento de perfis sociais e membros de redes sociais (Livingstone et al., 2011). As actividades nos perfis sociais são variadas: 7 dos participantes referem jogar no seu perfil social e ver aplicações “*tenho a minha quinta no farmville.*” (13F16). A publicação de fotografias no perfil social é uma das actividades que os participantes mais referem, com todos os participantes a mencionarem a existência de fotografias no seu perfil social. O discurso predominante para a colocação de tais fotografias é o da partilha de gostos e construção da sua identidade na Web, “*tenho lá o meu gatinho, quando a minha irmã foi ao Mónaco.*” (5F14), o que; Corrobora a informação disponível sobre os perfis, mediante os quais mantêm e estabelecem novas relações interpessoais, ao identificar os adolescentes numa comunidade em que a partilha dos mesmos gostos estreita laços e comunicações (Chaulk & Jones, 2011). Releva-se-se um discurso preocupado em não colocar fotografias de foro mais íntimo; ou que possam indicar algum grau de provocação, patente nos seguintes trechos “*com os meus amigos, nada em soutien, cuecas. Bikini, mas tapadas.*” (13F16). Este cuidado na escolha de fotografias é indicativo de que os

utilizadores do perfil não pretendem que as suas fotografias sejam demasiado pessoais e íntimas, o que poderá trazer contactos e situações indesejadas, encorajando potenciais ofensores a interagir com o autor desse perfil social (Ybarra, Mitchell, Finkelhor & Wolak, 2007). A tónica do discurso da actividade de visitar perfis, referida por 7 participantes, é a de conhecer novas pessoas e travar novas amizades, *“Faço pedidos de amizade”* (12F16). Parte desta pesquisa de novas amizades resulta no ato de escrever comentários, ou até mesmo recebê-los, como vemos no discurso de 13 participantes, que referem escreverem comentários e ver os comentários que lhes foram dirigidos, sendo esta uma forma de interação privilegiada nas redes sociais. *“Mando comentários aos meus amigos, ao perfil e às fotos. Leio comentários que me mandam a mim. Envio mensagens.”* (9M15). Apenas 2 participantes referiram partilhar dados, *“tenho lá alguns dados pessoais.”* (1M16). De ressaltar que para a criação de perfil social é necessário criar um nome, colocar data de nascimento, situar a localidade onde habita entre outros dados; nenhum dos participantes, além destes 2, referiu que esta informação estava no perfil, o que indica que não assumem que esta seja uma partilha de dados pessoais com os outros utilizadores da rede social em que estão inseridos. Vários argumentos podem ser aduzidos na tentativa de explicar esta atitude. Por um lado, navegar na internet e publicar assuntos pessoais no conforto de casa pode não ser sentido como arriscado (Greene *et al.*, cit in Baumgartner, Valkenburg & Peter, 2010). Por outro, a partilha de dados pessoais pode ser entendida como um pré-requisito para se aceder a qualquer comunidade *online*; só assim o adolescente pode pertencer a um determinado grupo (Moinian, 2006), o que demonstra que o desejo de pertença a um grupo faz com que o adolescente descure certos aspectos protetores ao usar a internet. A grande maioria dos participantes, 15, tem o perfil apenas visível para os amigos, *“Só quem eu aceito”* (13F16), mas uma questão se levanta aqui – saber quem é que aceitam, com que critérios, quantos amigos têm. Esta questão é pertinente no sentido de saber se existe a possibilidade de adicionar pessoas que nunca conheceram ou que apenas conhecem *online*, como possíveis visualizadores do perfil social criado. Três participantes referem ter perfil público, onde todos podem aceder e ver o seu conteúdo *“todos os utilizadores”* (5F14). Nesta situação, e como alguns participantes tinham mais do que um perfil social, existe um discurso que demonstra não terem a certeza do perfil que é público ou não, com 2 participantes a referirem não saber se o seu perfil no facebook era público ou não [*“no facebook acho que toda a gente vê, mas não sei.”* (8F16)]. Aquando questionados sobre a eventual perigosidade de ter um perfil social, o discurso predominante é de que esta existe; apenas 3 participantes referem que estes perigos não existem ou que podem ser controlados - [*“não, nós é que podemos criar perigoso [o perfil social]. Acho eu. Marcando encontros com quem não conhecemos, sei lá”* (2M15)]. Dos 16 participantes que referiram

existir perigos o discurso predominante é o da descoberta do local onde moram pelos dados que colocam no perfil social *“porque toda a gente pode visitar o nosso perfil e às vezes alguns contem os nossos dados pessoais (...) depois alguém pode estar interessado em nós e pode fazer-nos mal”* (5F14). Outro discurso predominante é a perigosidade de um eventual encontro ou de informação errada fornecida nos perfis: *“Um bocado porque há pessoas que por vezes marcam encontros, dão e-mail e essas pessoas podem fazer-se passar por outra idade.”* (15M13). O discurso transversal a todos estes perigos encontrados é o de que só existem ao nível físico, ao nível de um eventual contacto com o agressor, não sendo atribuído qualquer grau de perigosidade à utilização dos perfis. O perigo é localizado fora da internet e não na internet, situação que a literatura contesta, pois existem perigos na navegação que podem afectar o participante, tais como conteúdos agressivos ou sexuais, bem como perigos que envolvam contactos inusitados e constrangedores. Ainda relativo aos perfis sociais e às actividades aí exercidas, 17 participantes referem que nunca tiveram nenhuma situação desagradável com o seu perfil social, sendo que dos dois que referiram a existência de tal situação, o discurso predominante é o de contactos intrusivos e constrangedores de desconhecidos [*“uns cotas mandaram mensagens a dizer que as fotos não eram minhas. Para aí 50 e tal anos”* (6F14)], alguns com comentários sexuais [*“és uma vaca boa”* (6F14)], e também a existência de *pishing* sobre o perfil social [*“Tiraram as minhas fotografias e depois fizeram outro hi5 com as minhas fotos, mas não era meu (...) fiz denunciar abuso no hi5 que não era meu.”* (10F15)]. O discurso dominante no que concerne à segurança do perfil é o uso da ferramenta de bloqueio de pessoas que em algum momento fizeram algo que o utilizador do perfil não gostou, como forma de impedir que aquela situação se repita novamente: *“Algumas pessoas estão bloqueadas.”* (5F14). O que acontece na situação de bloqueio é a de que o perigo só é colmatado ou a situação só é cessada depois de o participante ter sido exposto a uma situação percebida como sendo de perigo e, mesmo quando é para aceitar um pedido de amizade, parte do perfil social é visitado e acedido por quem faz o pedido, logo existe sempre informação que é acedida e que pode ser utilizada por eventuais ofensores. A tónica do discurso acerca do conhecimento parental dos conteúdos do perfil social é a de que os progenitores sabem dos conteúdos (n=13), contudo existe uma certa inconstância nesse conhecimento *“A minha mãe se calhar sabe”* (6F14), *“as que eu estou a fumar e assim não sabe.”* (12F16). Estas afirmações traduzem o considerável distanciamento e, nessa medida, desconhecimento dos progenitores no que concerne ao que os seus filhos publicam e expõem *online*, sendo que assim não existe nenhuma forma de mediação. Não existe também a conscientização dos adolescentes, nem a dos pais, para o perigo que os perfis sociais apresentam, pois a partilha de dados pessoais, experiências de vida e desejos, assim como servem o propósito

de fazer o adolescente participar em determinada comunidade (Moinian, 2006), também podem ser utilizados por ofensores que, ao avaliar as vulnerabilidades daquele usuário, pode potenciar situações de abuso (Lanning, 2001; Durkin, 1997).

No que respeita ao terceiro tema – **Acesso a Conteúdos de Carácter Sexual** - 9 participantes afirmam nunca ter visualizado tais conteúdos, nem ter intenção de tal *“Nunca, nem tenho interesse em ver.”* (13F16). Os restantes 10 participantes disseram ter tido contacto com conteúdos de natureza sexual pelo menos uma vez - [*“Já, há umas semanas.”* (6F14)]. O contacto com tais conteúdos foi maioritariamente por procura intencional (n=9), aliada à curiosidade sobre tais conteúdos: *“Tinham-me falado e eu fui ver.”* (4M14), *“Fui eu a procurar, foi só por curiosidade.”* (17M13). Existem também casos em que o jovem foi abordado via email, pelos seus contactos, com sites que redireccionavam para conteúdos sexuais, sendo que o discurso predominante, nestas situações foi a não aceitação de tais conteúdos [*“Já mandaram. Primeiro li o link... não abri. Uma ou duas vezes.”* (15M13)]. Três participantes afirmam ter-se-lhes deparado tais conteúdos inadvertidamente, por digitação errada de nome dos nomes dos sites; ou mesmo janelas que se abrem e que levam o utilizador a aceder a tais conteúdos ainda que indeliberadamente [*“Pus qualquer coisa e de repente apareceu aquilo.”* (14M14)], situação que os filtros do computador poderiam colmatar. Dos participantes que visualizaram tais conteúdos apenas um referiu tê-lo feito apenas uma vez; os restantes acederam aos conteúdos mais do que uma vez. O discurso predominante passa de contactos inadvertidos para contactos intencionais, naqueles participantes que inicialmente não buscaram o site. Exemplo disso é o trecho do participante 14M14: *“às vezes foi só por acaso, nas primeiras vezes.”* Tal pode indiciar que o primeiro contacto pode ser acidental; contudo, os contactos posteriores são procurados pelo próprio utilizador da internet, o que coloca a interrogação do motivo de tais contactos posteriores intencionais. Quatro participantes revelaram ter acesso a tais conteúdos num ambiente isolado e não acompanhados, enquanto para cinco participantes a visualização de tais conteúdos nunca se processa num ambiente isolado, mas sim sempre com companhia, preferencialmente do grupo de pares [*“Sozinha não, sempre com amigos.”* (8F16)], o que evidencia como o grupo de pares potencia o acesso a conteúdos de cariz sexual e o envolvimento em condutas de risco, aliado à curiosidade acerca do assunto. Os conteúdos que foram acedidos eram na totalidade vídeos pornográficos *“Tinha vídeos de mulheres e homens a ter relações sexuais”* (12F16)]. Os discursos apresentados acerca da reacção à visualização assentam num incentivo à manutenção da visualização do conteúdo em 4 dos participantes visível em expressões como *“mas se não tivéssemos [em aula] talvez íamos abrir”* (5F14), *“para meter um vídeo que desse pica”* (9M16), denotando novamente que podem ser os próprios pares a potenciar o contacto com tais conteúdos e até mesmo a sua

manutenção (Ybarra *et al.* 2007). Apenas 2 participantes afirmaram procurar interromper visualização, empreendendo acções ou pedidos para tal [*“Tirava logo fora, não queria saber. (19F14), “Disse para tirar.” (5F14)*]. Ao analisarmos os discursos dos participantes, o facto de se terem confrontado com conteúdos sexuais, quer inadvertidamente, quer propositadamente, parece não os ter incomodado; 8 participantes afirmam não ter sentido qualquer incómodo perante a visualização de tais conteúdos [*“Não. As pessoas é que sabem o que querem e o que fazem não é?” (8F16)*]. Estes dados vão ao encontro do que a literatura tem explanado sobre esta situação, em que os riscos vivenciados não são experienciados pelos adolescentes como nocivos, não existindo uma percepção de dano (Livingstone *et al.* 2011). Coloca-se a questão: se não é percebido como dano pelos adolescentes pode ser considerada como uma conduta de risco por eles? A percepção do risco não está associada ao sentimento de dano provocado? Como fazer com que os jovens façam uma gestão adequada dos comportamentos de risco se não os percebem como tal? Apenas 2 participantes denotam um discurso algo afectado pela visualização dos conteúdos sexuais, referindo que *“Mais ou menos. Havia partes que, pronto, chocavam. Eram muito porcas. (6F14)*. Dos participantes que ficaram afectados com o contacto com tais conteúdos, apenas um afirmou sentir esse incómodo ainda no presente, traduzindo uma certa repulsa e uma tentativa de limitar o número de vezes que as imagens abusivas sobrevêm ao seu consciente: *“às vezes dá tipo arrepios, outras vezes vem-me à cabeça e eu sou: oh esquece!” (19F14)*. Em relação à mediação parental que pudesse ser exercida, denotam a prevalência de discursos onde a restrição e a imposição de limites predomina, com 5 dos participantes a referir que os pais lhes restringiriam o acesso à internet: *“A minha mãe dizia, não vais à net.” (19F14)*. É ainda aludido o co-uso, predominando a ideia de que o progenitor seria conivente com tais contactos, patente no seguinte trecho, *“A minha mãe não se importava se eu lhe mostrasse um DVD assim.” (6F14)*. Alguns participantes consideram que a revelação ao progenitor de tal contacto; levaria a que este falasse com o filho sobre a temática e a sua opinião acerca do assunto: *“Sei lá começava a falar se já pensei em ter relações sexuais” (4M14)*. Cinco dos participantes consideraram que os progenitores não reagiriam ao seu contacto com conteúdos sexuais, nem haveria lugar a qualquer tipo de conversação ou sanção sobre o assunto, ou não sabem como os pais reagiriam a tal revelação [*“Iam começar logo a rir-se também e a gozar comigo” (12F16), “Não sei.” (9M15)*]. O que é convergente com o último relatório da *Eu Kids Online* (Livingstone *et al.*, 2011), pois nenhum dos participantes revelou ter contado aos progenitores, pelo que se pode presumir que estes não conhecem as situações acima descritas, não conseguindo auxiliar os participantes no seu uso da internet, nem organizar estratégias a utilizar, caso se confrontem novamente com tais conteúdos.

No que diz respeito ao quarto tema – **Contacto Online com desconhecidos** – 14 dos participantes referem já ter contactado *online*, pelo menos uma vez, com um desconhecido [*“Já, uma pessoa.”* (9M15)], existindo também relatos que evidenciam que o contacto com desconhecidos é bastante usual no uso da internet: *“Já! Tantas vezes, para aí uns 10 rapazes.”* (6F14). Os restantes 5 participantes apresentam um discurso onde predomina a comunicação apenas com pessoas conhecidas ou referem não existir qualquer comunicação via internet [*“Não, tudo gente conhecida”* (13F16)]. No atinente à forma como esse contacto se deu, 14 participantes referem que foram abordados pelo desconhecido, traduzindo a sua perplexidade sobre a forma como se iniciou a comunicação e como foi estabelecido o contacto: *“Entrei no MSN e era só rapazes a entrar.”* (12F16); *“ele apareceu-me assim!”* (6F14). Da mesma forma que alguém iniciou contacto com os participantes, em algumas situações também foram estes que tiveram a iniciativa e abordaram pessoas desconhecidas: *“Comecei e disse olá. Perguntei-lhe que idade é que tinha, como é que se chamava. De onde é que era e o que é que fazia.”* (1M16). Ressalta-se aqui que o adolescente tanto pode ser alvo de um contacto com desconhecidos, como ser também ele o autor de tais contactos. Exerce assim uma conduta de risco não só para si, mas para outros utilizadores. Aquando destas comunicações 9 dos participantes estavam sozinhos, não tendo ninguém por perto. [*“Estou quase sempre sozinho.”* (1M16)], sendo que existem discursos que referem estar acompanhados quando falaram desconhecidos pela internet [*“Estava com a minha prima”* (10F15)]. Acerca da caracterização do contacto desconhecido, 9 participantes fazem referência ao facto de o seu contacto ser do sexo masculino [*“Eram rapazes”* (5F14),] e 5 participantes identificam contactos do sexo feminino. A idade dos contactos desconhecidos; variam entre os 14 anos e os 40 anos, sendo que ainda existe a percepção por parte dos participantes de que a idade que o contacto desconhecido revela pode não ser verdadeira: [*“perguntou-me se eu gostava de rapazes de 35 anos! Fiquei a pensar que em vez de 19 tinha para aí 35 anos”* (6F14).] Um dos participantes faz referência ao limite de idade da pessoa desconhecida com quem aceita contactar; [*“17, 18 anos. Nunca passa dos 20, senão não falo”*. (12F16)]; no entanto esta restrição pode não ser viável pelo simples facto de que a idade revelada pode não ser a idade verdadeira. Em relação às profissões dos contactos desconhecidos, são referidas 6 contactos em que o desconhecido estudava, ou era trabalhador estudante [*“Estudava.”* (6F14), *“estudava e trabalhava ao mesmo tempo.”* (2M16)]. As referências às profissões vão desde modelos, a costureiras e até mesmo peixeiras [*“Trabalhava no continente, na coisa dos peixes”* (1M16), *“era modelo”* (6F14), *“Costureira”* (6F14)]. As localizações dos contactos são diversificadas, sendo alguns de outros países do *“Estava em Inglês”* (6F14)]. Existem ainda relatos que apontam para várias regiões do país [*“Era de Braga”* (1M16), *“Coimbra”* (12F16), *“Montijo”*

(17M13)], o que corrobora a ideia de a internet ser um mundo sem fronteiras e sem distinção de culturas, onde se podem cruzar ideias, novas amizades e onde o problema da distância deixa de o ser, pois a “segurança” do lar permite aceder a novos horizontes e novos contactos, que se pensam seguros e depositários de confiança. Existe ainda 2 participantes que não tiveram qualquer conhecimento de dados pessoais do contacto desconhecido, quer por ter sido esporádico, quer por não ter havido uma manutenção efectiva da comunicação [“disse-me olá e eu não respondi” (15M13)]. A comunicação é estabelecida através de email, mesmo que seja o próprio desconhecido a iniciar o contacto por esta via [“Dizem que é nas mensagens que mandam emails. Eles tiram de lá.” (10F15)]. Os comentários nos perfis podem ainda ser formas de iniciar contacto com desconhecidos, sendo que posteriormente esses contactos passam a ser feitos via email ou mesmo troca de mensagens instantâneas [“Pelo hi5, começam a deixar comentários, depois pedem o MSN” (12F16)], o que consequentemente leva a discursos onde as mensagens instantâneas são o veículo condutor de tais contactos, quer iniciais, quer da sua manutenção, [“Foi no MSN” (12F16)], com referência a contactos audiovisuais com os desconhecidos [“a ligar a webcam” (9M15)]. As salas de *chat* também são formas privilegiadas de contactar com desconhecidos [“consoante vou ao badoo, falo com elas” (1M16)], onde a possibilidade de criar perfil influencia com quem o participante fala, mas também quem o contacta, mediante os dados que disponibiliza, [“Eles veêm as minhas fotografias no badoo” (6F14)]. Evidencia-se mais uma vez que a informação presente no perfil é crucial para quem quer iniciar alguma conversação com um utilizador desconhecido. E o facto de essa informação dada não ser percebida como perigosa pelos intervenientes faz com que seja mais difícil prevenir os possíveis contactos de risco. O conteúdo da comunicação vai graduando de intensidade; inicia-se com uma troca de informação pessoal, nome, idade, escola entre outros, seguida de assuntos triviais, gostos, música, actividades em tempos livres. Nesta troca de dados pessoais cada um dos intervenientes fornece informação para estabelecer uma relação mais ou menos estável. Existe a troca de fotografias entre os contactos desconhecidos. Quando o contacto é feito via perfil social, o contacto desconhecido tem acesso às fotografias aí publicadas, quando o contacto é feito por outra via, pode haver lugar à troca de fotografias numa fase mais avançada da relação estabelecida [“Sim, mas foi mais tarde, não foi logo” (6F14)]. Como vemos, a descrição dos participantes coincide com o processo de *grooming*, ou seja, uma aproximação gradual, mantendo a comunicação com o adolescente, que assenta na partilha de informação, gostos e opiniões, uni/ bilaterais, que fomentam a relação e a mantêm, diminuindo a percepção do quão arriscado é falar com quem não se conhece presencialmente (Lanning, 2001). Existe referência a situações abusivas e constrangedoras para os participantes, em que o contacto desconhecido exibiu, em algum momento, partes

do corpo, tentou iniciar conversas do foro sexual; ou fez solicitações ou comentários de cariz sexual com 4 participantes, a referir acontecimentos onde a exibição do corpo teve lugar [*“Abriu-se assim de repente, estava todo nu. Estava coiso e estava a [masturbar-se]”* (6F14)]. São também referidas conversas onde a temática sexual está patente, *“às vezes há rapazes, muitos rapazes que começam logo a querer falar de sexo (...) perguntou se eu era atrevida.”* (10F15)]. As solicitações ou comentários sexuais são referidas por dois participantes, sendo que uma participante relata várias solicitações de situações diferentes: *“a perguntar se eu queria ver ele e a mulher dele (...) a fazer coisas”, “ disse que queria curtir comigo”* (6F14), *“Disse que me ía violar o homem”* (9M15). Mais uma vez, todo o processo de *grooming*, culmina em situações onde o abuso aconteceu, quer pela exibição de partes do corpo, quer pelas solicitações que foram feitas. Tal como McAlinden (2006, cit in Shannon, 2008) referiu, todo o processo de aproximação visa produzir situações onde o abuso pode acontecer. No mesmo sentido, Durkin (1997) refere que a internet pode propiciar o envolvimento de ofensores em conversas sexualizadas com crianças. Existem também discursos que denotam a existência de agressões verbais por parte do desconhecido [*“me estava a chamar palhaço. A dizer és um nabo, és um filho da (...)”* (3M14)]. As relações que são estabelecidas entre os participantes e os contactos desconhecidos divergem entre a amizade (n=4), *“entre o conhecido e o amigo.”* (17M13), namoro (n=1), *“Namorei com ele”* (6F14), sendo que algumas que não se chegam a estabelecer como relações consideradas significativas. O relato da maior parte das situações descritas atrás reflectiu o incómodo sentido na data da situação: 7 dos participantes que falaram com desconhecidos reconheceram que em algum momento dessa conversa se sentiram desconfortáveis, não sabendo como porem fim ao contacto abusivo [*“fiquei com medo, eu não sabia como desligar a videochamada”* (9M15)] e pelo facto de algum estranho estar a falar com eles: *“Muito. Então estava ali a falar e não conhecia de lado nenhum! Ainda por cima o que estava a fazer.”* (12F16)]. Note-se, contudo, que nem todas as situações geraram a mesma sensação de desconforto. De facto, noutros relatos predominam discursos de não incómodo patentes nos seguintes trechos: [*“Não! Em risco porquê? Fogo!”* (2M15)]. Quando se aborda o motivo de desconforto e se coloca a sensação no presente, o discurso predominante é de que a sensação foi apenas face à situação que estava a ser vivenciada e que agora este já não se manifesta [*“Foi só naquele momento”* (1M16)]. Existe apenas um participante que refere que o incómodo ainda se mantém quando se recorda da situação vivida [*“Quando penso fico triste e abalado”*. (9M15)]. Os relatos privilegiam a manutenção da relação [*“sim, porque sempre foram fixes para mim e quando eu tive problemas apoiaram-me”* (5F14)]. Evidencia-se aqui novamente a não percepção do risco; ou, mesmo quando este é sentido, a rápida forma como deixa de ser percebido

como tal. Ao terminar a situação, termina a sensação de risco, e em novas conversações esta já não se encontra patente, pois a necessidade de partilha de pensamentos, sentimentos e situações vividas (Moinian, 2006) sobrepõe-se ao risco já vivenciado. Também se denota a presença de um discurso de perda de interesse naquele contacto, e se em algum momento ele se manteve, houve alguma altura em que deixou de ser necessário e o processo de exclusão do MSN, email ou mesmo perfil social foi ocorrendo [*“disse que era melhor ele apagar o meu MSN, que eu ia fazer o mesmo com o dele.”* (11F15)].

No que se refere ao quinto tema – **Encontros Off-line com desconhecidos** – verifica-se a existência de tais encontros, envolvendo 3 participantes. Um mesmo participante tem experiências de mais do que um encontro [*“para aí 2 ou 3”* (6F14)]. Os pedidos são feitos pelo contacto desconhecido aos 3 participantes [*“e depois perguntava se eu queria ter um encontro.”* (5F14)]. O desconhecido é exclusivamente descrito como sendo do sexo masculino. A idade revelada ao participante variava entre os 17 e os 20 anos [*“19 e 20 anos”* (5F149)]. Eram estudantes e apenas um terá revelado a sua localização - foi o Porto. Aquando do pedido de encontro, existem discursos que referem um certo incómodo, com medo do que podia acontecer, de a informação prestada pelo contacto ser falsa [*“sim, porque pedir logo para ter encontros sem nos conhecermos bem não é... ele pode dizer que tem 14/15 anos, e afinal pode ter 30 e querer-me fazer mal.”* (5F14)]. No entanto, evidenciam-se 2 discursos em que não houve qualquer incómodo quando o pedido foi feito. O pedido de encontro é facilmente revelado aos pares [*“contei a uma amiga”* (19F14)]. No que concerne aos pais, existe uma dualidade, sendo que ou os pais não sabem do encontro ou então são eles mesmo quem levam o participante ao local: *“A minha mãe levou-me mas não o viu.”* (6F14), apenas uma situação. Este é um exemplo de uma situação que a literatura refere como muito grave, pois apesar de esporádica, o seu risco é muito elevado e o desconhecimento dos pais faz agravar a situação (Livingstone *et al.*, 2011). A relação pode manter-se após o pedido de encontro, mesmo que esporádico, [*“falo com ele poucas vezes: olá tudo bem”* (6F14)], e existem discursos em que o pedido de encontro, e até mesmo informações sobre os perigos da internet, foram motivadores para empreender acções de protecção [*“não, eu antes tinha o vício de pôr email se não conhecia (...) quando começamos em TIC a falar em perigos eu eliminei todos os contactos e alguns bloqueei mesmo.”* (5F14)]. Os encontros relatados foram ambos em locais públicos e no decorrer dos mesmos são relatados contactos íntimos entre o participante e o desconhecido [*“fomo-nos sentar e estivemos a curtir.”* (6F14)], passeios e até mesmo pequenos jogos ou entretenimentos [*“fomos passear”* (6F14), *Estivemos a jogar às cartas”* (5F14)]. Na data do encontro há referências á experiência de desconforto, quer devido à aparência dos desconhecidos não corresponder à informação que foi fornecida, quer decorrente de

comportamentos sexuais, não desejados: *“Não gostava de estar com ele. A cara dele parecia que tinha para aí 30 anos.”*, *“desconfortável, sim (...) acho que às vezes queria passar a mão onde não devia.”* (6F14). Aqui, a situação de abuso é presencial, através de toques não desejados, sendo por isso mais depressa identificada como incomodativa e perigosa. Mesmo a informação mal fornecida é levada em consideração agora que a pessoa se apresenta perante o adolescente, e não corresponde ao fornecido. Contudo o grau de incómodo que foi vivenciado à data do encontro não se manifesta após o mesmo. No presente, não é referido um discurso que revele que o participante ainda se sente incomodado, e não existe referência de situações onde o risco foi percebido tardiamente: *“Agora não passa a mão como passava... está boa, está boa”* (6F14). Existe assim um caso em que a relação após o encontro se mantém, o antes desconhecido converte-se em alguém que acolhe e entende os dilemas do participante, ajudando-o a resolvê-los: *“nós pensamos que aqueles desconhecidos há pouco tempo já tiveram uma grande influência porque são muito nossos amigos e são mais velhos e tem mais maturidade que os outros.”* (5F14). Mais uma estratégia de *grooming* que visa o propósito de evitar a denúncia dos contactos abusivos e criar uma relação próxima e considerada necessária para o adolescente (Lanning, 2001).

No sexto tema - **Contactos Online constrangedores com conhecidos off-line** – 14 os participantes afirmaram não ter contactos constrangedores na internet com pessoas conhecidas. [*“Não. Se falar na internet fala comigo como se falássemos aqui.”* (4M14)]. Os restantes 5 elementos do grupo de estudo referem ter vivido situações constrangedoras com contactos já conhecidos presencialmente: *“Comentários já deixaram.”* (12F16). As pessoas em questão foram identificadas como amigos por 4 dos 5 participantes, e como namorada pelo outro participante. As situações desagradáveis prendem-se com solicitações/comentários sexuais indesejados; e que são entendido como ofensivos; [*“Comia-te toda.”* (12F16)], bem como discursos que indiciam agressões verbais [*“disse que eu tinha que ser amiga dele porque senão riscava o carro dos meus pais. Começou-me a chamar nomes, começou-me a fazer ameaças”* (5F14)]. Na data do acontecimento desagradável existem discursos que referem incómodo sentido pelo participante, expresso em medo de perder a amizade do contacto, em sentimentos de incredulidade e tristeza e também sentimentos de abuso de confiança pela outra parte; [*“pensei logo que ela já não queria estar comigo, que queria acabar e por isso que estava a falar assim para mim”* (1M16), *“senti um bocado de medo, será que isto é verdade, será que não? Fiquei um bocado atrapalhada.”* (18F13), *“porque dá-se um bocadinho de confiança e abusam logo”* (12F16)]. Os participantes não revelam incómodo persistente, sentido no presente, decorrente destes episódios. A resposta a tais contactos consistiram, maioritariamente, em

terminar o contacto pela internet ou em reatá-lo pessoalmente e discutir o assunto presencialmente [*“disse para ela se acalmar que depois falávamos”* (1M16)]. Noutro caso (n=1), o participante optou por terminar a relação com o contacto, quer pela internet quer presencialmente [*“Nem pessoalmente, nem pela internet”* (5F14)]. Livingstone et al. (2011); referem existir situações onde são os próprios pares a criar as situações de risco. Não obstante, note-se que são também os pares a criar e a divulgar formas de resolução dos problemas vividos na internet.

No sétimo tema – **Mediação Parental** – os participantes referem que os seus progenitores exercem uma mediação activa; 5 falam com os seus pais sobre o que fazem e estes aconselharam-nos sobre as acções a tomar; e interessaram-se pelas situações e como resolvê-las [*“Disseram-me que fiz bem em ter apagado”* (11F15), *“dizem para ter cuidado”* (1M16)]. Oitos dos participantes referem que os seus pais monitorizam, através de perguntas, de acções (como seja espreitar; ou ver o que o participante está a fazer) o uso da internet, *“Porque estão sempre a perguntar”* (2M15), *“ porque eles vão lá ao quarto quando eu estou na internet e dizem-me para ver o que é que eu faço.”* (3M14)]. Alguns participantes (n=2) revelam alguma resistência a esta monitorização dos progenitores [*“Fazem perguntas, que geralmente não respondo”* (15M13)], fazendo-nos questionar sobre a eficácia da monitorização como estratégia de mediação. Uma outra forma de mediação patente no discurso dos participantes (n=4) é a mediação restritiva antecipada, caso os progenitores tivessem conhecimento das suas actividades, contactos e acesso a conteúdos: [*“Tiravam-me logo a net”* (10F15), *“tiravam-me a net, ía computador, ía tudo”* (12F16), *“proibia-me de ir para a net”* (18F13)] Contudo, se este tipo de mediação é aquele que mais restringe os riscos, no reverso, é também aquele que mais restringe as oportunidades. Ao barrarmos o acesso, barramos os riscos que podem ser encontrados, contudo barramos também as oportunidades de conhecimento e descoberta que a internet propicia. É uma questão interessante e que deve ser abordada com todo o interesse por futuras investigações.

Conclusão

Os resultados obtidos neste estudo, revelaram-se bastante interessantes, na medida em que vários aspectos aqui debatidos apontam no mesmo sentido que a literatura universal. Em termos globais, no que concerne ao uso da internet, cada vez mais os perfis sociais e as conversações em rede vêm ocupar um maior domínio nesta área, um pouco em detrimento das pesquisas escolares. (Livingstone et al., 2011). Os perfis sociais e a pertença a comunidades em rede são bastante amplos entre os adolescentes, o que potencia o contacto com pessoas desconhecidas e com situações inusitadas. Os perigos daí

decorrentes prendem-se com o facto de a publicação de informação pessoal que em algum momento se encontra visível a qualquer pessoa poder potenciar eventuais contactos abusivos. A partir daqui pode-se também relacionar o contacto com desconhecidos, pois os perfis são muitas vezes o veículo condutor de tal contacto, não existindo por parte do adolescente o reconhecimento de uma acção perigosa (Livingstone et al., 2011). O discurso transversal a todos estes perigos encontrados é o de que só existem na presença da pessoa desconhecida e não na conversação via internet.

Os encontros *off-line* com desconhecidos, apesar de raros, acontecem e são poucos os pais que sabem que eles existem, o que novamente é conforme com a literatura (Livingstone et al., 2011). Este tema carece de um estudo mais aprofundado, em que ambas as partes sejam ouvidas de forma a perceber como é vista a mediação parental pelos pais e pelos jovens e de que forma é que esta é realizada efetivamente.

Um outro aspecto da mediação parental que seria interessante analisar é o facto de os jovens referirem que os seus pais utilizariam mais vezes a mediação restritiva em detrimento dos outros tipos, e a efetividade da mesma. Pois como vimos, diminuámos as oportunidades ao restringir o acesso à internet. Pode-se colmatar esta dualidade apostando na prevenção dos riscos e na educação digital, quer das crianças quer de adultos. É certo que o confronto da criança com o risco é inevitável, mas este é minimizado enquanto o leque de oportunidades se mantém. Seria interessante tentar perceber que como é que toda esta situação se processa de forma a existirem estratégias comuns de actuação perante os riscos.

Um outro aspecto interessante deste trabalho é o facto de o risco sentido nos encontros *off-line* ser percepcionado como tal. Contudo o processo de *grooming*, que foi desenvolvido pelo agressor, parece ter um efeito decisivo, para que, apesar do desconforto sentido, na data do encontro, a relação se mantenha, quer presencial, quer *online*. Poder-se-á procurar saber quais são os motivos que levam ao manter da relação quando alguma situação desconfortante é referida.

Um outro ponto é o de que o grupo de pares tem um papel decisivo no que diz respeito ao acesso a conteúdos sexuais, sendo que é em grupo de pares que mais vezes estas situações acontecem, fomentando a curiosidade acerca dos mesmos (Papalia, Olds & Feldman, 2001), bem como sendo por vezes os responsáveis pelo envio de emails com tais conteúdos (Mitchell et al., 2007).

Naturalmente, os resultados obtidos a partir deste estudo não são passíveis de extrapolação a toda a comunidade cibernauta, devido às limitações que o caracterizam, que se prendem fundamentalmente com a dimensão da amostra. Em termos pessoais e académicos, este trabalho permitiu-me reflectir sobre um mundo em crescente expansão,

numa parte dos seus vários perigos, mas também na imensidão de coisas proveitosas que se podem fazer, apesar de o foco do trabalho terem sido os riscos daqui decorrentes. Este trabalho contribuiu para se ter um novo olhar sobre a internet e o relacionamento dos jovens com a mesma, contudo pelo fato da entrevista ser algo longa seria interessante analisar cada risco separadamente e explorá-lo mais aprofundadamente. Situação que não foi possível devido à natureza exploratória deste trabalho. Apesar deste entrave denotou-se que a relação dos jovens com as actividades na internet se reveste de grande diversidade.

Bibliografia

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. (L. Reto, & A. Pinheiro, Trans.) Lisboa: Edições 70, Lda.
- Baumgartner, S. E., Valkenburg, P. M. & Peter, J. (2010) Assessing causality in the Relationship Between Adolescents' Risky Sexual Online Behavior and Their Perception of This Behavior, *Youth Adolescence*, 39, 1226-1239.
- Beech, Anthony R., Elliott, Ian, A., Birgden, Astrid & Findlater, Donald (2008). The internet and Child Sexual Offending: a criminological Review, *Agression and Violent Behavior*, 13, 216-228
- Chaulk, K. & Jonas, T. (2011) Online Obsessive Relational Intrusion: Further Concerns about Facebook, *Springer*, Vol. 26, 245-254.
- Eurobarometro. (2008) *Towards a safer use of the internet for Children in EU: a parent's perspective* (Flash Eurobarometer Series N. 248) Luxembourg: European Commission
- Durkin, K. F. (1997). Misuse of the Internet by Pedophiles: implications for Law Enforcement, and Probation Practice. *Federal Probation*, 61, 14-18
- Finkelhor, D., Mitchell, K. J. & Wolak, I. (2000) Online Victimization: A report on the Nation's Youth. Acedido em 24 de Setembro de 2010 em: http://www.missingkids.com/en_US/publications/NC62.pdf
- Gonçalves, M. L. (2007). *Código Penal Português (anotado)*. Coimbra: Almedina.
- Hasebrink, U., Livingstone, S., Haddon, L. and Ólafsson, k. (2009) *Comparing children's online opportunities and risks across Europe: Cross-national comparisons for EU Kids Online*. LSE, London: EU Kids Online, acedido a 24 de Setembro de 2010 em, http://eprints.lse.ac.uk/24368/1/D3.2_Report-Cross_national_comparisons-2nd-edition.pdf

- Livingstone, Sonia e Helsper, Ellen J. (2007) Taking Risks when communicating on the Internet: the role of offline social-psychological factors In young people's vulnerability to online risks, *Information, Communication & Society*, 10:5, 619- 644
- Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental mediation of children's internet use. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 52(4), 581-599.
- Livingstone, S., Haddon, L., Görzig A. & Ólafsson, K. (2011). *Risks and Safety on the Internet: The Perspective of European Children. Full Findings*. LSE, London: EU Kids Online, acedido em 1 de Abril de 2011, em <http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>
- Mazur, E., & Richards, L. (2011) Adolescents' and emerging adults' social networking online: Homophily or diversity? *Journal of Applied Developmental Psychology* , 1-9
- Mitchell, K. J., Wolak, J. & Finkelhor, D. (2007) Trends in Youth Reports of sexual Solicitations, harassment and Unwanted Exposure to Pornography on the Internet, *Journal of Adolescent Health*, vol 40, n2, 116-126
- Mitchell, K. J., Finkelhor, D., & Wolak, J. (2007) Online request for sexual pictures from Youth: Risk factors and Incident Characteristics, *Journal of Adolescent Health*, 41, 196-203.
- Moinian, F. (2006). The Constrution of Identity on the Internet: Oops! I've Left my Diary open to the Whole World! *Childhood* ,vol.13(1), pp. 49-68.
- Nathanson, A. I. (2001). Parent and child perspectives on the presence and meaning of parental television mediation. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 45(2), 201-220.
- Neves, M. G. (2008). *Crianças e comunicação online: Pistas para uma prevenção precoce do risco*. Tese de mestrado não publicada. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Papalia, D. E., Olds, S.W. & Feldman, R. D. (2001) *O Mundo da criança*. McGraw-Hill de Portugal, 8ªedição
- Ponte, Cristina, Vieira, Nelson (2007), *Crianças e Internet, Risco e Oportunidades Um desafio para a agenda de pesquisa Nacional*, Lisboa.
- Shannon, David (2008) Online sexual Grooming in Sweden – online and offline Sex offences Against Children as described in Swedish Police Data, *Journal Of Scandinavian Studies in Criminology and Crime Prevention*, 9:2, 160-180.
- Staksrud, Elisabeth e Livingstone, Sonia (2009) Children and online Risk, *Information, Communication & Society*, 12.3, 364-387
- Valkenburg, P. M., Krcmar, M., Peeters, A. L., & Marseille, N. M. (1999).Developing a scale to assess three different styles of television mediation: 'Instructive mediation',

'restrictive mediation', and 'social coviewing'. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 43(1), 52-66.

Willard, Nancy E. (2007), *Cyber-Safe Kids, Cyber-Savvy Teens, Helping young People Learn to Use the Internet Safely and Responsably*, San Francisco, John Willey & Sons, Inc.

Wolak, J., Mitchell, K. J. & Finkelhor, D. (2006) *Online Victimization of Youth: Five Years Later*, National Center of Missing & exploited Children, University of New Hampshire.,
accedido em 24 de Setembro de 2010 em, <http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV138.pdf>

Ybarra, M. L., Mitchell, K. J., Finkelhor, D. & Wolak, J. (2007) The Internet Prevention messages. Targeting de Right Online behaviors. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, vol.161, n.2, pp. 138-145.

ANEXOS

ANEXO I GUIÃO DA ENTREVISTA

Guião da entrevista

Uso da net

1. Costumas usar a internet?
2. Onde?
3. Quantas vezes por semana?
4. A que horas?
5. Para quê? O que fazes na net?
6. Costumas estar sozinho ou acompanhado quando usas a net?
7. Costumas falar com os teus amigos ou conhecidos na net? Que tipo de serviço usas para falar com os teus amigos? Costumas estar sozinho ou acompanhado nessas conversas? De que costumam falar?
8. Trocas fotografias com os teus amigos? E dados teus, pessoais (morada, telefone, etc)?
9. E com conhecidos, sem ser amigos, costumam falar na net? Com que pessoas falas? (*detalhar para cada pessoa: sexo, idade, profissão, tipo de relação que têm com o jovem*).
10. Costumas estar sozinho ou acompanhado nas conversas com essa(s) pessoa/as? De que costumam falar?
11. Trocas fotografias com essa pessoa/as? E dados teus, pessoais (morada, telefone, etc)?
12. Os teus pais sabem o que fazes na internet? Sabem que conversas com as pessoas de que falámos até agora? Criam algum problema a essas conversas?
13. Preocupam-se em saber o que estás a fazer ou deixam-te navegar sozinho?
14. Tens algum tipo de filtro no teu computador, para não poderes ir a certos sites?

Perfis sociais

15. Tens algum perfil social (facebook, hi5, twitter, etc)?
16. O que fazes lá?
17. Colocas fotografias tuas? Dá-me exemplos de fotografias que coloques lá.
18. Quem pode ver o teu perfil, só os amigos ou todos os utilizadores?
19. Os teus pais sabem das fotografias que colocas no perfil?
20. Eles também têm um perfil social?
21. Costumas visitar e comentar os perfis de pessoas que só conheces pela net?
22. Achas que é perigoso ter um perfil social na internet?
23. Fazes alguma coisa, em relação ao teu perfil na net, para te proteger de pessoas indesejadas? O quê?
24. Já tiveste alguma experiência chata relacionada com o teu perfil na net? Como foi? Como lidaste com isso? Como terminou?

Conteúdos sexuais (sites pornográficos)

25. Já alguma vez viste sites com conteúdos sexuais na net?
26. Lembras-te da última vez que isso aconteceu?
27. Aconteceu por acaso ou foste tu que procuraste?
28. Aconteceu só uma vez ou mais vezes? Se aconteceu mais do que uma vez, costuma ser por acaso ou és tu a procurar?
29. Da última vez, estavas sozinho ou com amigos?
30. E como é que era o site, podes-me contar?
31. Se foi por acaso, o que fizeste quando te deparaste com esse tipo de site?
32. Veres esse site incomodou-te de alguma forma? Podes explicar?
33. Ainda te sentes assim?

34. Se estavas com amigos, como é que eles reagiram? O que é que eles disseram para fazer?
35. Contaste a alguém da tua família?
36. O que é que eles acham deste tipo de sites?
37. E depois, voltaste ao site outras vezes?

Contactos online com pessoas desconhecidas (e contactos offline decorrentes desses encontros online)

a) Primeiro contacto

38. Já alguma vez falaste pela internet com alguém que não conhecias antes?
 39. *(se responder que sim, questionar se foi uma ou mais pessoas)*
 40. *(se for mais do que uma pessoa, dizer: vamos então conversar um pouco sobre a primeira vez que falaste com uma pessoa desconhecida na net.)*
 41. Consegues lembrar-te?
 42. Como é que começaste a falar com essa pessoa? Foste tu a encontrá-la ou foi ela que te encontrou?
 43. Estavas sozinho ou acompanhado quando falaste pela primeira vez com essa pessoa?
 44. Sabes de que sexo era? E a idade? Profissão?
 45. Vou agora fazer-te algumas perguntas sobre essa primeira conversa:
 46. Sobre o que falaram dessa primeira vez?
 47. Trocaram fotografias? E dados teus, pessoais (nome, idade, morada, escola que frequentas)? O que é que essa pessoa te disse sobre a sua informação pessoal (nome, idade, emprego, etc)?
 48. Nessa conversa, sentiste-te em algum momento desconfortável ou em risco?
 49. *(se sim)* podes-me explicar bem o que é que essa pessoa fez que te fez sentir desconfortável ou em risco? Quando sentiste isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias? O que pensaste que podia acontecer-te?
 50. O que fizeste a seguir? Para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
 51. Essa conversa afectou-te de alguma forma? Por favor explica de que forma te afectou. Ainda continuas a sentir isso?
 52. Contaste a algum amigo? O que é que os teus amigos disseram sobre isso? Se não contaste, o que achas que os teus amigos diriam se lhes contasses?
- Os teus amigos também falam com pessoas desconhecidas na net?
53. Contaste a alguém da tua família? O que é que a tua família disse? Se não contaste, o que achas que a tua família te diria se lhes contasses?
 54. Continuaste a falar com essa pessoa pela internet? Com que frequência?
 55. Como é que voltaste a falar com essa pessoa? Foste tu a procurá-la ou foi ela que te encontrou?
 56. Estavas sozinho ou acompanhado quando falaste novamente com essa pessoa?
 57. O que te levou a manter esse contacto?
 58. As conversas continuam mais ou menos na mesma ou são diferentes? Se são diferentes, em que sentido; como evoluíram?
 59. Nessas conversas mais recentes, já trocaste fotografias ou informação pessoal? E o que é que essa pessoa te disse sobre a sua informação pessoal?
 60. Já alguma vez te sentiste em risco ou desconfortável nessas conversas mais recentes?
 61. Quando isso aconteceu já tinham trocado fotografias ou dados pessoais?
 62. Que tipo de relação tinhas com essa pessoa quando isso aconteceu?
 63. *(se sim)* podes-me explicar bem o que é que essa pessoa fez que te fez sentir desconfortável ou em risco? O que te levou a pensar que estavas em risco? Quando sentiste isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias? O que pensaste que podia acontecer-te?
 64. O que fizeste a seguir? Para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
 65. Essas conversas em que te sentiste desconfortável ou em risco afectaram-te de alguma forma? Por favor explica de que formas te afectaram. Ainda te sentes assim?
 66. Contaste a algum amigo sobre essas conversas mais recentes?
 67. *(se houve situação de risco)* falaste-lhes dessa situação desagradável/de risco? O que é que os teus amigos disseram sobre isso? Se não contaste, o que achas que os teus amigos diriam se lhes contasses? Os teus amigos também falam com pessoas desconhecidas na net?
 68. Contaste a alguém da tua família?
 69. *(se houve situação de risco)* falaste-lhes dessa situação desagradável/de risco? O que é que a tua família disse? Se não contaste, o que achas que a tua família te diria se lhes contasses?
 70. Essa pessoa alguma vez te pediu para te encontrares com ela ao vivo? Ou tu a ela? Quando isso aconteceu já tinhas trocado fotografias ou dados pessoais com essa pessoa? Que tipo de fotografias/dados?
 71. Que tipo de relação tinhas com essa pessoa na altura do pedido para se encontrarem? O que é que sabias dela nessa altura?
 72. Que argumentos usou/usaste? Como respondeste/como é que a outra pessoa respondeu? Se aceitaste ou procuraste esse encontro, o que te atraiu nessa ideia?
 73. O encontro aconteceu? Foste sozinho ou acompanhado? Onde foi? Havia pessoas à volta?
 74. Contaste a alguém (amigos ou pais) que ias para esse encontro?
 75. Em algum momento imaginaste que podias correr algum risco nesse encontro? Que tipo de risco imaginaste? Tomaste alguma precaução para o evitar?
 76. Como correu o encontro, o que aconteceu? Como te sentiste durante esse encontro?
 77. Em algum momento nesse encontro te sentiste desconfortável ou em risco?
 78. *(se sim)* podes-me explicar bem o que é que essa pessoa fez nesse encontro que te pôs desconfortável ou te fez sentir em risco?
 79. O que te levou a pensar que estavas em risco? Quando sentiste isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias? O que pensaste que podia acontecer-te?
 80. O que fizeste a seguir? Para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
 81. Esse encontro afectou-te de alguma forma? Por favor explica de que forma te afectou. Ainda te sentes assim?
 82. Como evoluiu a vossa relação a partir daí? Houve mais contactos na net? Como correram essas conversas? E mais encontros ao vivo, existiram? Como correram?
 83. *(para quem se sentiu em risco)* voltou a repetir-se a sensação de desconforto ou de estares em risco? O que fizeste em relação a isso?
 84. Ainda te encontras com essa pessoa? Na net ou ao vivo?
 85. Como estás a lidar com a questão do desconforto/risco?
 86. Como caracterizarias a tua relação com essa pessoa agora (conhecido, amigo, curte, namorado, inimigo, indiferente)

87. Pensas manter essa relação? Porquê?
88. *(caso afirmativo)* que tipo de relação pensas manter com essa pessoa?
89. Pensas manter contactos na net? E encontros pessoais?
90. *(se se sentiu desconfortável/em risco)* e como pensas fazer para não te voltares a sentir desconfortável/em risco?
- B) outros contactos com desconhecidos**
91. Para além dessa pessoa, já falaste com outros desconhecidos na net?
92. Com que frequência isso acontece? Como é que costuma acontecer, como é que normalmente começam essas conversas? És tu a procurar conversas com desconhecidos na net ou são as outras pessoas que metem conversa contigo?
93. Costumas estar sozinho ou acompanhado nessas conversas?
94. São pessoas de que sexo? De que idades? Profissões?
95. Sobre o que falam normalmente nessas conversas?
96. Nessas conversas partilhas fotografias ou informação pessoal? E as pessoas com quem falas, partilham essa informação? Que tipo de fotografias ou dados pessoais partilham?
97. Costumam ser conversas apenas pontuais ou normalmente acontecem mais do que uma vez com a mesma pessoa – isto é, a conversa fica por ali ou costumam manter o contacto?
98. Como caracterizarias a tua relação com essas pessoas (conhecido, amigo, curte, namorado, inimigo, indiferente)
99. Pensas manter essas relações? Porquê? Pensas em encontrar-te pessoalmente com essas pessoas?
100. Já alguma pessoa que conhecesse na net te pediu para te encontrares com ela ao vivo? Ou tu a elas?
101. *(se a situação não foi a mesma relatada na alínea a), continuar a perguntar)*
102. *Perguntar para as várias situações em que esse pedido de encontro aconteceu. Se forem muitas, perguntar para a situação de pedido de encontro que o jovem ache mais marcante:*
103. Quando aconteceu esse pedido de encontro, já tinhas trocado fotografias ou dados pessoais com essa pessoa? Que tipo de fotografias/dados?
104. Que tipo de relação tinhas com essa pessoa na altura do pedido para se encontrarem?
105. Quem foi essa pessoa? O que é que sabias dela nessa altura?
106. Que argumentos usou/usaste? Como respondeste/como é que a outra pessoa respondeu? Se aceitaste, porquê? Se aceitaste ou procuraste esse encontro, o que te atraiu nessa ideia?
107. Contaste a alguém (amigos ou pais) que ias para esse encontro?
108. Em algum momento imaginaste que podias correr algum risco nesse encontro? Que tipo de risco imaginaste? Tomaste alguma precaução para o evitar?
109. O encontro aconteceu? Foste sozinho ou acompanhado? Onde foi? Havia pessoas à volta?
110. Como correu o encontro, o que aconteceu? Como te sentiste durante esse encontro? Em algum momento te sentiste em risco? O que te fez sentir assim? Como lidaste com isso?
111. Como evoluiu a vossa relação a partir daí? Houve mais contactos na net? Como correram essas conversas? E mais encontros ao vivo, existiram? Como correram?
112. Ainda te encontras com essa pessoa? Na net ou ao vivo?
113. Como caracterizarias a tua relação com essa pessoa agora (conhecido, amigo, curte, namorado, inimigo, indiferente)
114. Pensas manter essa relação? Porquê?
115. Caso afirmativo, que tipo de relação pensas manter com essa pessoa?
116. Pensas manter contactos na net? E encontros pessoais?
- C) contactos de risco com desconhecidos (sensação de desconforto ou em risco)**
117. Já alguma vez, nessas conversas na net com pessoas desconhecidas, te sentiste desconfortável ou em risco?
118. *(se a pessoa responder que sim, e não tiver sido o episódio abordado na alínea a), perguntar)*
119. Vou agora fazer-te algumas perguntas sobre a primeira conversa que tiveste com essa pessoa:
120. Quem era? (sexo, idade, profissão)
121. Como é que começaste a falar com essa pessoa? Foste tu a encontrá-la ou foi ela que te encontrou?
122. Estavas sozinho ou acompanhado quando falaste pela primeira vez com essa pessoa?
123. Sobre o que falaram dessa primeira vez?
124. Trocaram fotografias? E dados teus, pessoais (nome, idade, morada, escola que frequentas)? O que é que essa pessoa te disse sobre a sua informação pessoal (nome, idade, emprego, etc)?
125. Como evoluiu a vossa relação a partir daí? Houve mais contactos na net? Como correram essas conversas? Estavas sozinho ou acompanhado quando voltaste a falar com essa pessoa?
126. A sensação de desconforto ou de estares em risco aconteceu nesse primeiro encontro ou nos seguintes?
127. Quando isso aconteceu já tinhas trocado fotografias ou dados pessoais com essa pessoa? Que tipo de fotografias/dados?
128. Que tipo de relação tinhas com essa pessoa nessa altura?
129. Estavas sozinho ou acompanhado quando aconteceu essa conversa?
130. Sobre o que estavam a conversar quando aconteceu isso que te fez sentir desconfortável/em risco?
131. Podes-me explicar o que é que essa pessoa fez que te pôs desconfortável ou te fez sentir em risco? O que te levou a pensar que estavas em risco? Quando sentiste isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias? O que pensaste que podia acontecer-te?
132. O que fizeste a seguir? Para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
133. Essa conversa em que te sentiste desconfortável ou em risco afectou-te de alguma forma? Por favor explica de que forma te afectou. Ainda te sentes assim?
134. Contaste a algum amigo sobre essa situação desconfortável/de risco? O que é que os teus amigos disseram sobre isso? Se não contaste, o que achas que os teus amigos diriam se lhes contasses? Os teus amigos já tiveram alguma experiência parecida na net?
135. Contaste a alguém da tua família sobre essa situação desconfortável/de risco? O que é que a tua família disse? Se não contaste, o que achas que a tua família te diria se lhes contasses?
136. Ainda falas com essa pessoa? Com que frequência? O que te levou a continuar a conversa com essa pessoa? Falas com ela sozinho ou acompanhado? De que costumam falar?

137. Nessas conversas mais recentes, trocaste fotografias ou informação pessoal com essa pessoa? E o que é que essa pessoa te disse sobre a sua informação pessoal?
138. Aconteceu mais alguma coisa desagradável desde então? Voltaste a sentir-te em risco?
139. (se sim) dessa vez, estavas sozinho ou acompanhado? De que estavam a conversar?
140. Podes-me explicar bem o que é que essa pessoa fez que te fez sentir desconfortável ou em risco? O que te levou a pensar que estavas em risco? Quando sentiste isso, isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias? O que pensaste que podia acontecer-te? O que fizeste a seguir? Para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
141. Essa conversa afectou-te de alguma forma? Por favor explica de que forma te afectou. Ainda continuas a sentir isso?
142. Essa pessoa alguma vez te pediu para te encontrares com ela ao vivo/ou tu a ela?
143. Quando aconteceu esse pedido de encontro, já tinhas trocado fotografias ou dados pessoais com essa pessoa? Que tipo de fotografias/dados?
144. Que tipo de relação tinhas com essa pessoa na altura do pedido para se encontrarem?
145. O que é que sabias dessa pessoa nessa altura?
146. (se o jovem relatou sensação de desconforto/risco) esse convite foi antes ou depois da tal conversa em que te sentiste em risco?
147. Que argumentos usou/usaste para obter esse encontro? Como respondeste/como respondeu? Se aceitaste ou procuraste esse encontro, o que te atraiu nessa ideia?
148. Contaste a alguém (amigos ou pais) que ias para esse encontro?
149. Em algum momento imaginaste que podias correr algum risco nesse encontro? Que tipo de risco imaginaste? Tomaste alguma precaução para o evitar?
150. O encontro aconteceu? Foste sozinho ou acompanhado? Onde foi? Havia mais pessoas à volta?
151. Como correu o encontro, o que aconteceu? Como te sentiste durante esse encontro? Em algum momento te sentiste em risco? O que te fez sentir assim?
- Como lidaste com isso?
152. Como evoluiu a vossa relação a partir daí? Houve mais contactos na net? Como correram essas conversas?
153. Ainda te encontras com essa pessoa? Na net ou ao vivo?
154. Podes descrever-me esses contactos, na net e ao vivo?
155. Nesses encontros voltou a repetir-se a sensação de estares em risco? Foi numa conversa na net ou num encontro ao vivo? O que é que aconteceu que te fez sentir desconfortável ou que te fez pensar que estavas em risco de novo? Quando sentiste isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias dessa vez? O que é que achaste que podia acontecer-te?
156. O que fizeste a seguir? Para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
157. Como caracterizarias a tua relação com essa pessoa agora (conhecido, amigo, curte, namorado, inimigo, indiferente, etc...)?
158. Pensas manter essa relação? Porquê?
159. Caso afirmativo, que tipo de relação pensas manter com essa pessoa?
160. Pensas manter contactos na net? E encontros pessoais?
161. E como pensas fazer para não te voltares a sentir desconfortável/em risco?
162. *Perguntar se houve mais situações, para além desta, em que se sentiu em risco no contacto com um desconhecido na net. Se sim, identificar cada uma e explorar cada uma de forma análoga ao feito até aqui.*
- Contactos online com pessoas conhecidas offline**
163. Já alguma vez em que estavas a falar com uma pessoa conhecida na net alguém falou contigo de uma forma menos própria? Que fosse desagradável? Que te fizesse sentir em risco?
164. Quem era essa pessoa? (sexo, idade)?
165. De que costumam falar com essa pessoa na net? Trocavam fotografias ou dados pessoais?
166. Que tipo de relação tinhas com essa pessoa?
167. E dessa vez, que foi estranha/desagradável, de que estavam a falar?
168. Estavas sozinho ou acompanhado?
169. Podes-me explicar bem o que te fez sentir, nessa conversa, desconfortável ou em risco? E, quando percebeste isso, o que pensaste/sentiste?
170. Fizeste alguma coisa para acabar com essa conversa? O que é que fizeste?
171. Essa situação afectou-te de alguma forma (nervoso, triste, ansioso, etc)?
172. Ainda te sentes assim?
173. Contaste a algum amigo sobre essa situação desconfortável/de risco? O que é que os teus amigos disseram sobre isso? Se não contaste, o que achas que os teus amigos diriam se lhes contasses? Os teus amigos já tiveram alguma experiência parecida com pessoas conhecidas na net?
174. Contaste a alguém da tua família sobre essa situação desconfortável/de risco? O que é que a tua família disse? Se não contaste, o que achas que a tua família te diria se lhes contasses?
175. Ainda falas com essa pessoa? Pessoalmente ou na net? Com que frequência? O que te levou a continuar a conversa com essa pessoa? Falas com ela sozinho ou acompanhado? De que costumam falar?
176. Nessas conversas mais recentes, trocaste mais fotografias ou informação pessoal com essa pessoa? E o que é que essa pessoa te disse mais sobre si?
177. Nesses contactos, voltaste a sentir-te em risco? Foi numa conversa na net ou num encontro ao vivo? O que é que aconteceu que te fez sentir desconfortável ou que te fez pensar que estavas em risco de novo?
178. Quando sentiste isso, o que pensaste/sentiste? Que tipo de risco é que achaste que corrias dessa vez? O que é que achaste que podia acontecer-te?
179. O que fizeste para lidar com essa sensação de desconforto/risco?
180. Como caracterizarias a tua relação com essa pessoa agora (conhecido, amigo, curte, namorado, inimigo, indiferente, etc...)?
181. Pensas manter essa relação? Porquê?
182. Caso afirmativo, que tipo de relação pensas manter com essa pessoa?
183. Pensas manter contactos na net? E encontros pessoais?
184. E como pensas fazer para não te voltares a sentir desconfortável/em risco?

ANEXO II_GRELHA ANÁLISE DE CONTEÚD

Tema	Categorias	Subcategorias
Uso da internet	Actividades	Sites conversação/Perfis sociais
		Pesquisas escolares
		Outras Actividades
	Frequência do uso	Diariamente
		Semanalmente
		Outra
	Ambiente envolvente	Pares
		Família
		Sozinho
	Tempo de utilização	Até uma hora
		Mais que uma hora
	Utilização de Filtros	Utiliza
Não utiliza		

Tema	Categorias	Subcategorias
Perfis Sociais	Existência de Perfil Social	Sim
		Não
	Actividades nos Perfis Sociais	Jogar
		Publicar Fotografias
		Visitar Perfis
		Comentar/Receber comentários
		Partilhar dados
		Outras
	Publicidade do Perfil Social	Só os amigos
		Perfil Público
		Não sabe
	Experiências desagradáveis com o perfil social	Existem
		Não existem
	Protecção dos Perfis Sociais	Existem
		Não Existem
	Conhecimento Parental dos Conteúdos do Perfil Social	Sim
Não		

Tema	Categorias	Subcategorias
Acesso a conteúdos de carácter sexual	Visualização de Conteúdos Sexuais	Existiu
		Não existiu
	Como se deu o contacto	Procura intencional
		Procura não intencional
	Frequência do Contacto	Uma vez
		Várias vezes
	Ambiente envolvente	Pares
		Família
		Sozinho
	Características do site	Vídeos
	Contactos Posteriores	Propositados
		Inadvertidos
	Reacção à visualização	Interromper a visualização
		Continuar a visualização
		Outra
	Grau de incómodo sentido na data	Incomodado
		Nada Incomodado
	Grau de incómodo sentido no presente	Incomodado
		Nada Incomodado
	Mediação Parental na Perspectiva dos Adolescentes	Co-uso
Mediação Activa		
Mediação restritiva		
Monitorização		
Restrições técnicas		
Nenhuma		

Tema	Categorias	Subcategorias
Contactos Online com desconhecidos	Contacto <i>Online</i> com desconhecido	Sim
		Não
	Iniciativa do contacto	Foi abordado pelo desconhecido
		Abordou o desconhecido
	Caracterização do contacto <i>online</i>	Sexo
		Idade
		Profissão
		Morada
		Não sabe
	Tipo de Comunicação	Correio electrónico
		Comentários nos perfis Sociais
		Conversação webcam/MSN
		Chat Rooms
		Outros
	Conteúdo da Comunicação	Assuntos triviais
		Troca de fotografias
		Troca de informação pessoal
		Exibição Corporal
		Comentários/Solicitações Sexuais
		Agressão Verbal
Tipo de Relação Estabelecida	Outros Comentários	
	Amigo	
	Namorado	
Grau de Incómodo Sentido na data	Nenhuma/Outra	
	Incomodado	
Grau de Incómodo Sentido no presente	Nada Incomodado	
	Incomodado	
Reacção ao contacto	Incomodado	
	Nada incomodado	
	Manter o contacto	
	Terminar contacto	

Tema	Categorias	Subcategoria
Encontro <i>Offline</i> com desconhecidos	Pedido de encontro <i>Offline</i>	O próprio
		O desconhecido
	Identificação do Contato <i>Online</i>	Sexo
		idade
		Profissão
		Morada
	Grau de incómodo na data do pedido	Incomodado
		Nada Incomodado
	Revelação do Pedido de Encontro	Pares
		Família
		Ninguém
	Manutenção da relação após o pedido	Sim
		Não
	Onde se deu o encontro	Local público
		Contactos íntimos
		Passar
	O que aconteceu	Outras
Incomodado		
Grau de incómodo sentido no encontro	Nada Incomodado	
	Incomodado	
Grau de incómodo sentido no presente	Nada Incomodado	
	Incomodado	
Manutenção da relação após encontro	Sim	
	Não	

Tema	Categorias	Subcategorias
Contactos <i>online</i> constrangedores com conhecidos <i>Off-line</i>	Contacto online constrangedor com pessoa conhecida <i>Offline</i>	sim
		Não
	Quem era	Amigo
		Namorado(a)
		Familiar
	Ambiente Envolvente	sozinho
	Conteúdo da Comunicação	Assuntos triviais
		Troca de fotografias
		Troca de informação pessoal
		Solicitações / Comentários Sexuais
		Agressão verbal
	Grau de incómodo sentido à data	Incomodado
		Nada Incomodado
	Grau de incómodo sentido no presente	Incomodado
Nada Incomodado		
Reacção ao Contacto	Manter Contacto	
	Terminar Contacto	

Tema	Categorias	Índices
Mediação parental	A mediação Parental na Perspectiva dos Adolescentes	Mediação activa
		Mediação restritiva
		Monitorização
		Nenhuma